

ondjaki



**e se amanhã
o medo**

língua
beraj

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

e se amanhã o medo

PONTA
DE
LANÇA

ondjaki

e se amanhã o medo

**língua
beraj**

Copyright © 2010 Ondjaki

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Editor

Diogo Henriques

Assistente editorial

Elisa Izhaki

Revisão

Taís Monteiro

Projeto gráfico e capa

Rico Lins

Editoração

Leandro Collares

Geração de ePub

Selênia Serviços

Obra apoiada pela Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas / Portugal



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Ondjaki

E se amanhã o medo / Ondjaki. – Rio de Janeiro : Língua Geral, 2010. – (Coleção Ponta de Lança)

ISBN 978-85-60160-66-2

1. Contos angolanos (português). I. Título. II. Série.

CDD-869.3

10-06902

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura angolana em português 869.3

Todos os direitos desta edição reservados à

Língua Geral Livros Ltda.

R. Jardim Botânico, 600/gr. 501-503

Rio de Janeiro – RJ – 22461-000

Tel.: (21) 2279-6184

Fax: (21) 2279-6151

www.linguageral.com.br

ponta de lança

A presente coleção pretende dar a conhecer aos leitores brasileiros vozes novas, ou ainda pouco conhecidas, algumas geradas muito perto de si, outras vindas de longe, de África, da Ásia, da Europa, todas, porém, expressando-se no nosso idioma. Vozes que são testemunho da vitalidade das culturas de língua portuguesa, e em particular das literaturas desses países, e também da extraordinária riqueza da nossa língua e do muito que nos aproxima. Não se entende o Brasil sem a África ou Portugal, da mesma maneira que não se entende Angola ou Cabo Verde sem a participação do Brasil. Venha partilhar conosco esta aventura. A porta está aberta. A casa é sua.

Para o Nuno L. e Raduan N.

Para a Paula T. e o Ton-ton

*caí pensando nessa hora tranquila em que os rebanhos
procuram o poço e os pássaros derradeiros
buscam o seu pouso; e pensei também que eu
poderia, se me debruçasse na janela, ver as nuvens
esgarçadas se deslocando pacientemente
como as barbas de um ancião, até que no céu
uma suave concha escura apagasse o dia [...].*

Raduan Nassar, *Lavoura arcaica*

sumário

HORAS TRANQUILAS

A libélula
Jangada para longe
Coração de porco
O colchão da Mongólia
Os passeadores
A confissão do acendedor de candeeiros
O pássaro do cais
A filha do piloto japonês
Três relógios e uma lua cheia
A esquina
O sangue no cavalo
O engraxador
A gaiola
Na encruzilhada
Amarela

CONCHAS ESCURAS

A velha
A filha da sogra
Lábios em lava
Madrugada
Coração com ferrugem

horas tranquilas

a libélula

(palavras para o Dr. Carvalho)

*se destas pedras
uma anunciasse
o que a faz silêncio:
aqui, muito perto,
[...] isso se abriria, como ferida
em que terias de mergulhar*

PAUL CELAN, *A força da luz*

Um som fluido abandonava a casa, roçava na poeira das trepadeiras no jardim, influenciava as mangas e os mamões no seu processo de maturação, arrepiava uma libélula inebriada que ali adormecera, fazia o sol abrandar e chegava, ainda forte, ainda nítido, ao ouvido da mulher. Depois disto, um sorriso.

Na aparelhagem o som acontecia contínuo, ininterrupto. O doutor solidificara este hábito domingueiro: sentar-se no fresco da sua varanda ouvindo, durante extensos momentos, a voz de Adriana Calcanhotto. Ora dormitava, ora lia, ora escrevia, ora se quedava simplesmente de olhos rasgados contemplando as nuvens gordas azularem o céu. Para ele não se tratava de beatificar um domingo, mas sim a própria paz. Aliás, “domingo” era, para o doutor, uma palavra muito interna. Fosse um poço.

Presentindo isto — que o doutor se apresentava em pleno estado de domingo —, a mulher hesitou. Encostou a testa ao ferro do portão e quis acreditar no impossível: que não tinha sede. A testa latejava; os olhos se queriam, de fato, fechar, olvidar o mundo, cessar a prestação de serviços visuais. O frio do portão trouxe-lhe agrado aos

dedos, ao coração também. A música invadia-lhe os poros. Então, aí sim, ela partilhou uma sensação com o doutor. Ele, no mesmo instante, pensava: *esta voz pode ser dividida*. A voz de Adriana, empurrando a tarde: “será que a gente é louca ou lúcida... quando quer que tudo vire música”.

No intervalo de voz, a libélula decidiu acordar, mover-se em zum-zum aberto, e aterrizar junto aos apontamentos do doutor. Gatafunhos, memórias recusadas, esquebras de horas mais sensíveis que escusava aceitar como suas. “Eu perco o chão, eu não acho as palavras”, a voz cantava. Há anos que o doutor acertara as contas com os animais e se apaziguara numa relação equilibrada com eles. Mantinha uma relação ainda conflituosa com as baratas e os sardões, mas já não era homem para matar. Em vez disso, usava sorrir. Não raras vezes, pela manhã, sentia saudades de ver correr olongos como vira na infância, na província do Namibe; também por vezes, na praia, encontrando cavalos suados se detinha, de olhos a quererem fechar, saboreando o odor forte a pelo de cavalo suado. Se feliz ou em vésperas de viajar, sonhava com borboletas brancas ou amarelas, e não procurava interpretar o sonhado. Há anos que fizera as pazes com os animais, incluindo a espécie dengosa dos gatos, à qual ele mesmo infligira uma baixa mortal. Os gatos, essencialmente os gatos, haviam-no reaproximado dos bichos.

Foi depois da libélula que reparou na mulher encostada ao seu portão, de olhos fechados, pareceu-lhe, a ouvir a música de Adriana: “tenho por princípios nunca fechar portas, mas como mantê-las abertas o tempo todo...”.

Descruzou as pernas; lentamente as desceu da outra cadeira; enfiou as sandálias. Andando, mirava a tranquila libélula caminhando

sobre as suas letras, sobre o cheiro da sua tinta ⁹⁷¹ *violet*. Era tinta um tanto pegajosa, exigia mesmo um ritmo acelerado de escrita pois, em contato com o ar, era veloz em solidificar. Mas a libélula, pouco curiosa, não chegaria ao frasco, não beberia. Um degrau, dois. Está junto ao portão e a mulher, ao contrário do que ele desejava, não abriu os olhos. Mas falou.

— Desculpe interrompê-lo...

Nem foi susto nem foi coisa de se descrever. Simplesmente o doutor não contava com aquela noção de proximidade.

— Reconheço o cheiro da tinta... O senhor escreve com uma pena?

— Não... Isto é... Bom, é uma espécie de pena.

O portão estava destrancado. Ele fez menção de o abrir, ela descerrou os olhos, afastou-se ligeiramente das grades.

— Desculpe interrompê-lo, mas estou com muita sede — ela, talvez esperando que o doutor revelasse se desculpava ou não a intromissão.

O portão foi aberto pela mão certa do doutor, enquanto a outra executava um gesto afável que a elucidou. Aquele homem não era facilmente perturbável. “Lá mesmo esqueci que o destino sempre me quis só...”, cantava Adriana.

— Água ou refrigerante? — o doutor.

— Água, por favor.

A mulher viu a libélula parada. Tinha a cor demasiado viva para estar morta ou embalsamada, mas era totalmente imune ao vento que balouçava as folhas de papel. Aproximou-se da mesa sem se sentar — a mulher. Por curiosidade olhou as letras sobre o branco, não no intuito de ler a composição, mas pelo hábito de apreciação estética da

ortografia masculina. Era, viu depois, uma “espécie de pena”, como lhe dissera o doutor, a que havia produzido aqueles gatafunhos encantadores. Não resistiu e chegou a mão perto: parecia cristal.

— É de vidro. Vidro mesmo. Não é bonita? — o doutor.

— Muito... É uma pena muito especial — a mulher.

A água, num copo normal, chegou-lhe às mãos. O doutor entretanto pousou o jarro no lado longínquo da mesa, sem perturbar a libélula. Convidou a mulher a sentar-se.

— Obrigada. O senhor deve estranhar, não?

— Estranhar?

— Pedirem-lhe água. Já ninguém toca às campainhas para pedir água, não é?

— É. A senhora não é de cá, pois não?

— Não.

A mulher serviu-se novamente. Bebia devagar, como convinha.

— Contava uma avó minha que, certa ocasião, em Silva Porto, um senhor lhe entrou pela casa adentro cheio de sede e lhe pediu água. A minha avó voltou à sala com um jarro de água muito fresca e viu-o beber três copos de água de seguida, sem parar.

— Foi?

— Foi. O senhor só teve tempo de lhe devolver o jarro, pois o copo partiu-se enquanto ele tombava no chão. Morreu ali mesmo, sabe? Desde então a minha avó vivia a contar esta estória, de resto, verdadeira, pois foi-me confirmada pelo meu avô — terminou o doutor.

— Não me assuste.

— Não foi para assustá-la, desculpe.

— E o que lhe disse o seu avô?

— Sabe, o meu avô era um homem de invulgar humor e sensibilidade. Em criança confirmou-me toda a estória e por fim disse-me: esse homem nem agradeceu a água à tua avó.

A mulher pousou o copo, respirou fundo.

— Sabe porquê que pedi água aqui na sua casa?

— Não.

— Por causa da música... Esta voz tão doce.

— Adriana.

— Como?

— Adriana Calcanhotto, cantora brasileira.

— É poeta?

— Também.

— Não... O senhor. O senhor é poeta?

— Ah, eu! Não, sou médico. E a senhora?

— Eu estou cá de férias.

A libélula progrediu no terreno. Finalmente mexeu-se, mas caminhando.

Na expressão de ambos era visível o espanto de duas crianças que atentas e boquiabertas assistissem, de repente, ao movimento gracioso de uma pedra. A libélula caminhou em direção ao objeto. Num breve sacudir de asas saltou e voltou a estar quieta — uma guerreira demarcando o território conquistado. “E a treva entre as estrelas só para mim”, a cantora progredia na varanda, na tarde.

O objeto era uma espessa redoma de vidro, certamente cara, que protegia uma pedra minúscula, cinzenta, banal. Uma pedra pequenina, era o máximo que se poderia dizer. Nem graciosa, nem peculiar, nem mesmo exótica ou atraente. Era uma pedra brutalmente vulgar. A instalação, contudo, valorizava a pedra.

— Julgo que o valor dessa pedra não pode ser medido pela sua aparência. É assim?

— Sim.

— Mas esta redoma parece muito bem trabalhada...

O doutor, num gesto resoluto, abanou a libélula — uma surpresa para a mulher e para a libélula. O inseto voltou a pousar sobre as letras. A pedra e a sua redoma foram arremessadas ao chão. A mulher não teve tempo de invocar um susto. O objeto bateu ruidosamente no chão por duas vezes e, após rolar alguns centímetros, terminou a digressão. O doutor pegou no objeto e voltou a pousá-lo sobre a mesa, ao pé das letras, dos papéis, da libélula. O inseto, num breve aspergir de asas, realcançou o seu posto.

— Nem todo vidro é frágil, dizia o meu avô. Esta redoma é muito boa para proteger objetos valiosos.

A mulher voltou a sentir sede mas não quis incomodar.

— Uma oferta?

— Sim, uma oferta muito especial, muito sincera.

— Os médicos recebem muitas ofertas?

— Algumas, é uma maneira das pessoas expressarem carinho e gratidão.

E calou-se.

A mulher não queria partir mas julgou estar a forçar o momento. O doutor mantivera-se calado por mais de cinco minutos. À mulher pareceu justo que fosse sua a iniciativa de partir. A música parecia terminar, e a voz era uma voz difícil de recordar no ouvido da memória.

— Adriana, disse?

— Adriana Calcanhotto. Brasileira.

— Muito obrigada pela água.

— De nada. Já sabe, beba sempre devagar.

— E agradeço antes de morrer!

O doutor quase sorriu. Os lábios contorceram-se; apenasmente uma tentativa de sorriso. Talvez.

O portão foi aberto. A mulher, pegando propositadamente nas grades, reconheceu a sensação de frieza na pele.

— Sabe, foi num domingo — iniciou o doutor. — Fui chamado à frente de combate e ninguém queria operar o homem: tinha uma espécie de explosivo preso à perna. Era uma operação muito delicada, ainda hoje penso nisso. Tive que fazer tudo muito devagar, enquanto o homem sofria com as dores, e ambos tínhamos que ser pacientes. Quase no fim, o soldado disse-me: deixa-me morrer, tou muito cansado já. Eu respondi: já te deixo morrer, deixa-me só salvar-te primeiro.

— Ele morreu?

— Não. A operação correu bem. Ele, no fim, quis dar-me uma prenda. Como não trazia nada, descalçou a bota e disse: agora já sei porquê que a pedra anda a me incomodar há dois dias. Toma lá, doutor, só pra não esquecermos esta nossa conversa de hoje. Você ficas com a pedra, eu fico com a cicatriz.

O portão fechou-se. A sede tinha passado. A mulher, caminhando lentamente pelo passeio, entendeu que era a pedra que valorizava a instalação. Ouviu passos. A música recomeçou: “minha música quer estar além do gosto, não quer ter rosto, não quer ser cultura”.

Entre duas folhas acastanhadas — numa janela de poeira — a mulher viu: a libélula, parada, ondululava o corpo. Fosse uma dança.

Sob as suas patas, a pedra brutalmente vulgar repousava. Entre a memória do homem e a redoma inquebrantável de vidro.

jangada para longe

*Si rotcha é página! pedra é sílaba
si corpé é caneta! coração é tinta*

CORSINO FORTES, *Árvore & tambor*

Para ele o mundo era um quintal enorme dotado de compartimentos separados por água, e fenómenos como as chuvas, as tempestades, ou mesmo os ódios dos homens carregados em navios enormes, eram gotículas para qualquer sorriso desfazer.

Por hábito, sentava-se no monte observando navios partir e chegar. Vivia obcecado com a ideia de conhecer outros países, *mais do que isso!*, *outras gentes*, como se as suas veias fossem irrigadas por sensações movediças e volúveis ao empurrão do vento, nisso que era o seu prazer mais íntimo: observar os que chegavam, cheirar-lhes os cabelos, catalogar-lhes o sorriso segundo a proveniência, e, quase imperceptivelmente, fazê-los falar de coisas banais acontecidas do outro lado do mundo.

Trabalhava há meses na secreta engenhoca, desenvolvendo no alpendre barulhos entrecortados com pancadinhas, importando para o habitáculo toda uma gama variada de pregos, panos, tubagens diversas, correntes, metais, tintas, até ao dia em que a barulhagem cessou e apenas restou o som de um assobio simples, desnitrado de qualquer ritmia mais complicada — como cantam os pássaros antes de terem molhado o bico na frescura da manhã.

Sem cerimónias para empolar o acontecimento, retirou o engenho da casa num lento mas eficaz berço semimecanizado, e o povoado sorriu em uníssonos numa candura de espanto e respeito pelo

enorme objeto misterioso que desfilava pelas pedras da calçada. O desfile solitário cessou na praça principal.

A estranha criatura de madeira era perturbante e bela, fria e poética, ridícula e cativadora, o que impelia os observadores locais a sorrir de modo involuntário, como se a incompreensão do seu funcionamento, em vez do rancor pelo inventor, antes instigasse uma sensação de autoria coletiva. Todos, cada um a seu tempo, modo e sorriso, sentiam patente na obra o cunho da sua contribuição pessoal e nunca se saberá quem foi o primeiro jovem ou a primeira velha a depositar no corpo do ser móbil a primeira recordação, o segundo objeto de decoração, a terceira folha de árvore, a quarta estátua de madeira ou a quinta folha da seção de poesia do único jornal local. Naquilo que se julgou ser o guiador da máquina, a velha mais velha do povoado (sendo por isso a mais bela) amarrou com vigor o único *sibitchi* que o engenho levaria.

Durante dois dias a exibição perdurou, numa ânsia que crescia por si e se alimentava de horas e olhares, tendo originado que a máquina fosse já outra, repleta de decorativos tradicionais, besuntada de cores vivas, vítima de peso duplicado pelas oferendas que as suas bagageiras abarrotavam. Crianças, aleijados e idosos, bebês de colo e cães vadios, nuvens e sóis, centopeias negras e pássaros brancos, marinheiros e putas pobres, comerciantes e doidos serenos, pescadores com estórias de sereias e ventos místicos, farmacêuticos e padres, bêbados e beatas, o governador e a esposa gorda e até um caixeiro-viajante, estiveram todos na praça, no terceiro dia, aguardando as primeiras palavras do inventor da escultura já carnavalesca. A velha mais velha do povoado (sendo por isso a mais sabedora) viu o mundo

e o povoado banhados pela névoa da sua lágrima idosa e todos então souberam: era uma máquina de se pedalar para longe.

Depois das palavras do governador, encorajando a atitude criativa do cidadão, elogiando com emoção a sua iniciativa cultural e declarando aquele dia feriado nacional, o inventor tomou a palavra e, nuns modos verbais desajeitados, instigou a população a contribuir com gravuras, comida seca, plantas medicinais, panos, sementes e livros ou registos pessoais de poesia:

— Poesia, sim... — disse, em banho de comoção. — Porque é isso que um povo deve oferecer a outro!

Mais adiantou o local da sua derradeira partida, explicando que faria esse longo percurso em velocidade lentíssima para que os conterrâneos apreciassem as qualidades da máquina, indagassem de suas potencialidades e lhe fossem entregando, nesse percurso inclinado para o lado de lá do mundo, as cartas, os recados e os conselhos válidos para a movimentação humana que aquela viagem materializava.

Ao longo da estrada, entre um e outro solavanco de pedra, exibiu ao povoado o complicado engenho que a sua imaginação fizera eclodir: uma labiríntica máquina de ventos e popas, tubos de refrigeração e reaproveitamento de líquidos e sopros, compartimentos impossíveis, reguladores de temperatura e duas enormes bagageiras para livros já com cantos falsos previstos para a naftalina em bola branca. Era máquina para ocupar meia dúzia de metros quadrados mas com estabilidade estudada e apetrechos científicos que lhe permitiam mover-se a vento, ácido úrico ou força humana que se expressasse em ato de pedalação.

Quando chegou à praia, nesse lento cortejo que havia acontecido, alguns dos ilustres convivas do povoado já lá o esperavam e, na tendência narcísica de se voltarem a ouvir, quiseram mesmo reinventar novos discursos. O dono da engenhoca dissuadiu-os de o fazer, enquanto se desfazia de alguns volumosos mantimentos gastronómicos que a população ofertara, sendo que a praia, azulada e linda, foi palco de um improvisado banquete de que as crianças puderam usufruir com certa euforia.

O fim da tarde, propício a momentos de marítima aventura, havia-se já instalado. Pássaros ao longe, o sol se extinguindo na água salgada, o violão sorridente de Kaká Barbosa, as cervejas derretendo os corações e a mulata triste, ao longe também, que com o olhar se despedia do homem que partia.

Movimento humano, rústico, o homem iniciou as movimentações — correntes puxadas e velas içadas, duas espécies de pedais que se desdobravam de tubos secretos, e a máquina de se pedalar revelou uma poética simbiose de jangada com algo que existisse sob a designação de bicicleta naval. As gentes afastaram-se do homem deixando-o a braços suados com a sequencial preparação mecânica que o ato requeria. E moveu-se — aquilo.

Uma onda embateu estrondosa na janguicleta, como seria mais tarde chamada, e os lábios de cima das pessoas se afastaram dos lábios de baixo — espanto e burburinho, pois a máquina dançava encaixada na curva das ondas, resistindo às laterais investidas da água, desenvolvendo um ruído manso e redistribuindo brilhos d'água nas gotas de sol que as enormes pás movimentavam.

A estranha criatura de madeira e o homem nela balouçavam na direção do horizonte estirado, e só então um padre despertou para a

evidência do que não havia sido indagado:

— Ó nhôôôô... — o berro sobre as gentes, sobre as águas. —

Undi ki nhu átabai?^[1]

Lá das guelras salgadas da sua garganta, entre sorriso-só e suor-delícia, entre sombra de sol e raio lunar, entre certezismo hirto e utópico deslumbramento, o homem pedalante gritou assim:

— N'ta ba tê Spanha..., ta ba tê Merca di bicycleeetaaaaa!^[2]

coração de porco

[...] *hay barcos que buscan ser mirados para poder
hundirse tranquilos.
Si el aire sopla blandamente
Mi corazón tiene la forma de una niña.*

FEDERICO GARCÍA LORCA, *Introdução à morte*

Era muito cedo. Antes da hora do sol — momento regular, encantador, charmoso. A mulher bateu à porta certa de que fossem abrir.

O velho.

O velho aproximou-se lentamente, chinelos inaugurando o chão da manhã e, sorriso no rosto, espreitou. Usava uma face tranquila, embora nos lábios se descortinassem pregas de frio. *Entre, minha filha, entre.* Como se o velho tivesse o dom de perceber ao que vinham as pessoas.

Havia, na mulher, uma expressão de estranheza; mais que frio, incómodo. Precisava ela, certamente, de um chá quente, e que alguém comunicasse com ela numa língua inteligível. O velho não se permitia mais do que três tentativas antes de acertar. Foi ao russo, visitou o castelhano, arranhou o suaíli e resignou-se, já encabulado, ao inglês. Mas ela — passiva, desentendedor. O velho destapou o bule e sorriu. Mais do que satisfação, dentro dele burilava já a sensação de ter encontrado mais um membro do clã: *salve!*, disse-lhe, no seu impecável latim.

Tanta alegria — recordar é crescer! —, o velho nem estranhou as horas, nem perguntou o nome. Num tom franco, indagou: *você leu*

Kazantzakis?, ela ainda espantando o frio, o odor de animais vários, o papagaio que acordava declamando sonetos e, lá mais atrás do mundo, dois porcos que, guinchando, conversavam. *Li a obra toda, incluindo notas dispersas e cartas a amigos*, respondeu.

Parados, deambulavam entre olhares mútuos — a divisão complacente de um momento, a alegria mansa de estar. O mundo era uma aurora estreando-se nos seus corações, uma alforreca sem destino definido e sem corrente para agradar. Se havia lugar estranho no mundo, era aquela pequena loja escondida nas arquiteturas mais góticas da Escandinávia.

— Então talvez se lembre da discreta tirada do autor grego — olhou-a com firmeza.

— Sobre?

— Sobre aquilo que a traz cá — o velho mexia na chávena com delicadeza.

— O coração — ela, sempre em latim.

— “Se o coração do homem não transborda de amor ou de cólera...” — ele esperou.

— “Nada se faz no mundo” — ela sorriu. Terminou o chá, levantou-se. — Nikos Kazantzakis, *O Cristo recrucificado*.

O velho acompanhou-a na poética digressão à janela. O sol quase queria chegar, afastar as nuvens com prepotência e, mais do que iluminar a Terra, penetrar nos corações humanos. Como se numa missão divina.

— Cara senhora... — começou o velho, mais sério. — Não vou deixá-la cometer o mesmo erro que os outros.

Ela voltou-se repentina, séria também:

— Os outros?

— Os outros todos que, antes de si, me apareceram na loja procurando novos corações. Esgotaram os estoques, fizeram os mais incríveis pedidos sem nunca, mas nunca, me quererem ter ouvido acerca das propriedades dos corações dos animais.

— Mas veio cá muita gente?

— Oh, sim, gente suficiente para que eu tivesse de mandar vir animais de África, das Américas... — pensativo. — Mas, diga-me: por que precisa você de um coração novo?

— Para dizer a verdade... — tocou-lhe no ombro — para lhe explicar isso, teríamos que divagar por conceitos filosóficos inacessíveis ao latim de ambos. Digamos que a solidão mudou-me a cor do coração.

— Entendo, entendo — o velho dirigiu-se ao balcão, retirou alguns papéis. — Venha comigo — e abriu uma pequena porta, como importantes são sempre as portas pequenas.

A mulher suava — no efeito do estranho chá que havia consumido. O velho era dado a estes comportamentos: adiantar-se em anestésias, suavizar cirurgias, pretender adivinhar os desejos dos clientes. A mulher suava — passando por estreitos corredores coloridos, por aves raras que não gritavam (era cedo), por galinhas-domato escuras ou rosadas, por porcos-espinhos adormecidos, cobras, ratos brancos e, no fim, os porcos. *Animal muitíssimo asseado*, explicou o velho. Já deitada na cama de dossel, antes de se iniciar o processo de hipnose, ela, suando, sorriu para o velho: *o coração de um porco...?*

E adormeceu.

Quando retornou das abstinências do hipnotismo encontrava-se já à mesa, tonta mas com uma sensação de aconchego no peito. Era, no

fundo, o que trazia todas as pessoas àquele local: a magia de renovar o órgão primeiro, o bombeador de sensações, a casa mais íntima de um ser humano.

— Não fale. Poupe as forças — disse o velho.

Quando, no fim da refeição, voltou a fazer um chá, começou:

— Leve isto consigo — entregou-lhe um pequeno aglomerado de folhas, escrito à mão num cuidadoso latim. — Vai servir-lhe para ser feliz!

— E o que é? — a mulher, sensível, curiosa.

— Todos os meus apontamentos sobre a sensibilidade dos porcos. O que é dizer: você é a primeira pessoa a levar um coração com o respectivo manual de felicidade.

— Por que faz isso por mim?

O velho sorveu as últimas gotas de chá e respirou fundo, evitando as lágrimas. Pegou na mão da mulher — gesto simples, inocente, mas brutalmente humano (que só os velhos sabem manusear) — e murmurou a sua frase última:

— Acima de tudo, pela brandura no seu olhar — fez uma longa pausa. — Você é a minha última cliente. A partir de hoje a loja está fechada!

o colchão da mongólia

(para a Suren e para o Piricas)

*desta vez vou construir
uma cama de espuma
adequada à função de voar*

JORGE PALMA cantando *Boletim meteorológico*

Mãe... Já vais m'bora na tua terra?

O miúdo, seu sorriso torto, era fome?, mas seu sorriso bem evidente, todo ele, olho e dente rasgando a atenção da senhora desatenta no instante. Ela, de olhos deitados numa horizontalidade apertada, denunciando toda sua estrangeirice requintada. E sempre acompanhada de um que fosse guarda-as-costas, mas não: era simplesmente um fiel intérprete. Impossibilitada de comunicar, ela desde sempre requereu os serviços do jovem tradutor

*nunca invente nada, por favor... Pergunte cada sentimento
recomendava com doçura intraduzível.*

O miúdo, desses *na rua*, não tinha nome, só atendia pela alcunha imposta: *pêçêgê!*, assim, tão velozmente dito que às vezes resultava somente em *gêtinho*, não vale a pena querer pôr corretos portugueses nas falas do miúdo.

Mas, ó menino, pêçêgê significa o quê?

a madama, já traduzida no entretanto.

A mãe não tá ver a minha perna? Assim todos da rua me chamam mesmo pisa com gêto... E quê... Ficou já pêçêgê...

O tal, o tradutor, em gestuais explanações, fosse a senhora vinda da Mongólia não entender os devidos trocadilhos e a alusão evidente

ao modo do miúdo pisar o mundo. Mas a *mãe* tinha entendido e bem; pausara a olhar a criança na rua, no meio dela, investigando-lhe o olhar como só ela sabia.

Mãe... Não olha assim então... Assim a mãe tá a chamar as lágrimas

o miúdo entrava em pareceres psicológicos, evidentes carências da ternura que aquele olhar lhe entornava.

Pergunte ao menino se gosta de estórias. Melhor: se acredita nelas.

Mas *o menino* virava mais o apetite para uma gasosa. Depois da ternura veio a sede, afinal — o calor, o esforço de mover a perna-sem-gêto, a oportunidade rara. Isso também. A sede morreu, fácil, mas a senhora mantinha a torneira da ternura virada para ele, mangueirando-lhe os olhos enormes, belos, que mexiam de tanta encabulação.

Eu volto para a minha terra amanhã, sabes?

A criança esperou a tradução, sorriu em direção à *mãe*. Ela referiu o seu destino, já não fazendo uso das falas do intérprete, mas na via direta da comunicação pseudomaternal. O miúdo riu, riu.

Mãe... Juro mesmo não tou a estigar a tua terra. Mas aqui tem um miúdo de rua... Ele é lá da tua terra então, é um teleguiado... A mãe sabe... Mas nos disseram ele é mongoloide.

Mesmo o tradutor disfarçando a cara feia, o ralhete facial, mas a senhora querendo os devidos detalhes, a explicação completa. Entendeu. Para espanto do miúdo, ela sorriu e pegou-lhe na mão. Ele quase sentiu o gesto queimar-lhe o peito. Essa senhora, *mãe assim bem estrangeira*, lhe tocava com esse gostar evidente?

Amanhã eu vou para a minha terra, mas tenho uma prenda para ti.

O miúdo sorriu — se sentia para lá da felicidade, sentado no muro com essa senhora do mesmo país que o *teleguiado*, lhe pondo gasosa na barriga e ainda prometia prendas. Era um miúdo tão miúdo que tinha esquecido as suas normais desconfianças. A senhora se embalou no seu texto poético, esquecendo o destinatário era uma simples criança:

Tens de prometer que vais fazer com essa prenda o que te apetecer... Tudo o que te apetecer.

Aí a tristeza repentina voltou, o miúdo estava a aguar o mundo, querendo esconder as suas vistas enormes.

Mãe... Não diz isso. Eu nem posso correr com os môs amigos. Eu quando quero correr só sonho já... Mas de manhã sou gêtinho de novo.

A senhora mongol não se comoveu com os olhos. Talvez a voz. Sorriu e voltou a queimar-lhe a mão com a sua ternura intensa. O sorriso confundiu o miúdo.

Tens de me prometer... Vais fazer com a prenda o que bem te apetecer

deu outra gasosa, fosse a doçura do líquido um carinho bem mais fácil e certo que seus gestos de mão e olhar. O miúdo, intrigado, deixou-se estar no muro, pensando era o pleno pôr-do-sonho.

Veio a noite — seus barulhos mais quietos, suas estrelas pintalgando os olhos desses miúdos mais acordados para as noites dentro deles. O miúdo confirmava sucessivas movimentações na casa da senhora, longe, do outro lado da rua. Os empacotamentos, os cartões que eles mesmos iam aproveitar para reforçar a casa — *o castelo*. Com prazer, o miúdo recordava na pele os carinhos sinceros da senhora, parecia sentir a mão latejar lembranças e afagava sua

perna-sem-gêto, recolhendo-a para adormecer mais junto com ele, essa perna, um ente externo, maldoso.

Veio a manhã — iluminada de ânsias que não soube desvendar. O sono lhe fora interrompido pelas vespertinas movimentações no casarão — os voos internacionais eram muito matinais, ele sabia. Mirava, ele, o portão cerrado. Na mão esquerda, uma ramela sólida deambulava de dedo em dedo — sensação que lhe era muito familiar, fosse um pacto secreto ele e as ramelas tinham: cumprimentar-se todas manhãs. O portão emitiu um ruído mínimo, provocando-lhe nos lábios o sorriso da indecisão. Ajoelhou-se sobre o papelão úmido — a sua cama afinal.

O intérprete, sozinho e ensonado, trazia nas costas um colchão castanho, misterioso em seus bordados alguns, os aparentes. A viatura escura saiu do útero profundo da casa — *nunca vi quintale assim bem bigue...!* O colchão tapava o homem, parecendo que ele mesmo — o colchão — se deslocava nos ares, em direção ao *castelo*. O que parecia um lençol, eram imagens curvilíneas desenhadas na pele do confortável objeto. O tradutor não quis dar confiança, via-se que obedecia ordens. E o miúdo, em absoluto espanto:

Pra mim mesmo?

Lá longe a senhora sorria para ele, ajeitava a carteira no ombro, olhava, mesmo na distância, como nunca tinham lhe olhado. Ele afagou o colchão, lhe recebeu sem despendurar os olhos dos olhos da senhora, *a mãe*, caminhando, ela, lentamente em direção à porta já aberta da viatura.

Ê!, ouve lá, pá, a senhora mandou te entregar esse colchão... Vê lá isso, pá, podemos conversar depois, eu vô só no aeroporto mas depois volto...

O colchão era de suaves afagaduras e o miúdo, absorto, quis entender uma ordem da lágrima — que queria aparecer. Mais dois ou três passos e a senhora se esconderia no para sempre da escura viatura. O intérprete, apressado, ingressou no carro também, se foram. Ficou o gesto dela — mão mágica, leve, perdida na janela.

Tinha que repensar a sua condição no *castelo*. Aquele colchão era afinal uma menos-valia. A inveja dos outros, a polícia mesmo, e esse, o tradutor, cobiçando-lhe a sua melhor oferta. Em tamanho, sim, e o cheiro, esse, misterioso, e, mais ainda — a sensação esquisita de um silencioso segredo por desenterrar.

Hoje de noite, hoje tenho que bazar.

Mas a mudança foi mais que imediata. O colchão não pesava nas costas, pelo contrário, acrescentava levezas, modos fáceis de caminhar e sentir-se livre de olhar os céus, apetecia-lhe era mesmo imitar os pássaros, e riu, riu muito das propriedades do colchão, seus desenhos, suas manchas castanhas e amistosas.

Procurou o jardim, um longínquo, nos seus secretos sítios, antigas suas moradias. O colchão lhe retirava o medo de passar a noite ali. Era uma mais que necessidade: um chamamento. Sentou. Entre as árvores, lá no cimo, um avião riscou-se nos céus, barulho e fumo. Não que fosse o avião da senhora, mas a ideia lhe era idêntica, todos aviões são iguais espreitados do chão. Deitou-se, esqueceu o estômago, quis adormecer. Arrumou a perna — estranho fazer isso tão de manhã ainda; esse seu gesto noturno, recolhido. Já não tinha dúvidas: aquele colchão lhe estava a ornamentar a existência de modo incompreensível.

O dia, função dele é passar — tempo d'água passageira num rio maior. Bateu as palmas o crepúsculo, e chegou. O miúdo, desses *na*

rua, voltava da sua sonolência e ocupava as ruas do mundo. Desarticulava a perna para novas caminhadas, e abria os olhos em espanto nesse fenómeno que o sol emprestava no seu colchão: o objeto brilhava pirilampescamente, um ouro de nada, estranhos filamentos iluminosos — coisas da magia, não duvidou. Ele ali sozinho, uns grilos por vizinhança e nada mais, talvez areias, relvas e estranhos odores, ele ali, se promovendo a práticas aladinas, tudo carregado na canoa do sonho. Mas estava tão acordado que ouviu a traduzida frase da senhora ecoar no seu jardimzito:

Tens de prometer que vais fazer com essa prenda o que te apetecer... Mas tudo o que te apetecer...

Na sua boca de medo desaguou um sorriso infantil, extenso, faz conta a cor do trigo. Toda situação era muito amarela: lava queimando o coração. As luzes do colchão lhe sugeriam uma outra postura, tudo ensinamentos repentinos, instantâneos. Havia lugar — no colchão — para dispor a sua perna-sem-gêto, outras colorações indicavam o sítio das mãos, e ele, sentado no sonho daquela realidade, sentiu o objeto terramotear-se todo.

O coração vibrava, e cessou toda a comichão antiga na sua perna mais magra. Ele era já dono de um voo, seu riso comandava o alado colchão, tudo em automáticas hipnoses do vento, se deslocando plenamente entre os galhos afagantes das árvores.

Velozmente, *pêçêgê* sobrevoava a cidade numa extensa mancha de despedida. Adaptara-se simbioticamente às densidades daquele voar, compreendera dentro dele as significâncias orientais daquelas luzes, fizera crescer em si o exímio piloto do colchão mongol. Lá embaixo, no *castelo*, seus companheiros de rua e de frio e de carência

e de imaginação olhavam a estrela ascendente julgando era defeito da droga consumida.

Assim, mágicos os dois, miúdo e colchão ultrapassaram nuvens no que elas sabem de correria, e se dirigiram, esvoaçantes, para as bandas de um outro mundo — repleto de luzes lentas, discretas, adequadas às funções de sonhar.

os passeadores

Às seis e meia da tarde o sol preparava a sua lenta retirada.

No canil o alvoroço instalava-se; não porque ainda houvesse algum resto da excitação do lanche, não porque a escuridão se abatesse sobre os cães, não porque as andorinhas iniciassem a sua algazarra. Era o cheiro. O cheiro dos velhos, das coleiras desmaiadas que traziam nas mãos; o cheiro, os seus sorrisos e o brilho lindo, pueril, nos seus olhos mansos.

Às seis e meia da tarde os passeadores de cães abriam as jaulas e levavam dois cães cada um. Como eram menos que eles, os olhinhos tristes dos cães ficavam nas jaulas quando não era o seu dia de passeio. Os passeadores assumiam com algum sarcasmo o prazer dessa decisão. O sol adormecia. Doze cães saíam, encoleirados, passeantes. O canil deixava a noite tombar e repousava num silêncio compacto.

Da sua janela, Dina Renascença admirava a saída dos velhos. Contentes, arrastados pela felicidade dos cães, perturbados com os seus gritinhos alternados. Todas as tardes, ao pôr do sol, o cenário acontecia ininterruptamente ao longo dos anos: na luz parca, na amarelada calmuosidade dos sítios que ficam à beira do mar, vultos debruçados sobre coleiras e cães dirigiam-se ao outro lado do monte. Havia algo de belo no contraste notório entre a parcimónia dos velhos e a delicada bestialidade daqueles cães pretos, enormes, irrequietos.

Havia algo de incompleto na quietude daquela praia. Certo dia, um velho lembrou-se: *e se fôssemos passear os cães?*, sorriu, brilhantoso no olhar. *Temos que falar com a Dona Dina.*

Dina Renascença, uma das últimas pessoas a tratar os velhos com dignidade, respeito e carinho simultâneos, sorriu à proposta. Dispensou uma verba para que se comprassem casacos, gorros, luvas e coleiras. Na caderneta escreveu a justificação: *gastos inerentes ao grupo de passeadores de cães*. Pediu que se revezassem e que revezassem os cães também. Tornou-se um hábito harmonioso.

Às nove e trinta e três, Belito interrompeu a refeição de Dina:

— Dona Dina, Dona Dina — começou, ofegando. — Os passeadores não voltaram!

Dina Renascença pousou os talheres sobre a inacabada refeição, juntou-se a Belito na sua curta digressão à janela e pôs-se a olhar a lua. O mar fazia cócegas brancas à praia adormecida, embalando-a para lá de um sorriso salgado. Uma paz oceânica extravasava os limites da água e chegava-lhe certa ao coração.

— Vá-se deitar, Belito — disse Dina. — Eles tiveram que partir. Amanhã os cães terão outros passeadores.

a confissão do acendedor de candeeiros

(palavras para Antoine de Saint-Exupéry e para o Pequeno Príncipe)

Eu é que ponho luz nas noites.

Eu é que desafio o vento. Vocês repousam nas lareiras quentes das vossas famílias. Meu tremor na mão é já certo, a velhice me acusa todos dias uma nova pontada nas costas. Estou seco — pele e veias. Não faz mal: meus olhos inda brilham, minha escada inda me perdoa tonturas de todos anos que eu lhe subi com este carinho teimoso. Eu é que meto medo na escuridão. Meus passos fazem ela recuar velozmente. Eu, o pesadelo do breu, o matador de negrumes! Sou irmão das estrelas, acendo as primas delas aqui na terra. Lá nos céus universais, elas me cumprimentam com brilhos sorridos; ou serão sorrisos brilhantes? Toda estrela é luz bonita que nunca soube descansar de alegrar a noite. Toda noite é palco para estrelas, candeeiros e olhos acontecerem. Eu da velhice tenho respeito; da morte tenho medo nas carícias dela. Mesmo não queria morrer, eu. Assim velho, ia pedir reconstrução de uns candeeiros cambutas, onde eu, a empurrões suaves, um miúdo me ajudasse, pudesse no tempo acender meus candeeiros mais baixos. Eu é que faço esta cidade invadir-se de falsos pirilampos. Minhas mãos afinal dão luzes. Cada candeeiro — uma casinha que nenhuma noite eu posso esquecer de acender e soprar. Essa escada é minha outra perna; sem ela a escuridão me derruba. Mesmo o vento me empurra mas não sabe me sustar. Esses meus candeeiros, cada qual sua janela de vidro, estão muito agasalhados. E a lareira deles, eu é que todos dias, todas noites, reacendo. Essas são minhas mais alegres lareiras — vocês repousam

nas lareiras das vossas famílias. Minha vida só acontece de noite. Sou muito veloz a percorrer ruas porque minha missão me mete carinho de amor — eu gosto muito d’acender a noite. Esse meu reumatismo me quer enferrujar, ser a mancha nos meus prazeres. Eu de noite lhe fujo, de madrugada lhe acolho, de manhã lhe sofro. Velhice é todos dias ir despedindo um pouco coisas que inda nos tocam as paredes do coração. Durante esta minha vida acendi candeeiros pela simples poesia desse gesto, sendo, cada chama, um poema que eu escrevia para quem passava. Depois, depois do último, acariciava minha escada amiga. A dois, dividíamos um momento de frio: esses que passam olham meus candeeiros? Esses que vão para casa, pras famílias deles, lareiras deles, olham as minhas chamas noturnas? Eu é que ponho luz nas noites, meto medo na escuridão, invento pirilampos na cidade. Fosse crente, julgaria fazer jogo-de-luzes pra deus. Como sou velho, julgo ter sido poeta das luzes, escrevedor das velas, conhecedor das ceras escorridas, quer dizer, artífice das minúsculas luzes amarelas. Minha vida acontece de noite — eu fosse uma chama provisória. Quando olho o céu, lhe vejo assim pintalgado de brilhos, indago-me: e eu, quem me acendeu sempre, enquanto acendi estrelas aqui na terra?

Eu é que sou o velho — todos dias me despeço dos últimos candeeiros que inda me acendem o coração.

o pássaro do cais

*animais de carga sobre os dias
percorrendo a cidade até aos bordos
carregam a morte sobre os ombros*

PAULA TAVARES, *O lago da lua*

Vi tanta gente curvada no cais... Tanta gente. Ocorreu-me, da minha varanda, novamente a ideia de os aeroportos, os portos e os cais serem, mais do que lugares de partida, lugares de desencontro. Um toque íntimo de destinos cruzados mas, no instante seguinte, a infinita distanciação das pessoas. Vi, nessa manhã, tanta gente curvada no cais. O dia começava, a manhã estava clara e fresca na sua inauguração. Mesmo assim toda aquela gente curvada. Crianças, sim, crianças. Os velhos sentados — conversando, olhando, esperando. Mas as pessoas que se moviam estavam curvadas. A vida é pesada.

Andavam de um para o outro lado, os olhos postos num navio ou no horizonte. As crianças — não percebo — não brincavam. Ou brincavam de ser adultos curvados: quietos, amolecidos de ânimos e brincadeiras, sonolentos de olhos abertos e o horizonte neles. As crianças moviam-se, vi da minha varanda, curvadas também. O céu estava para cair? Não raro o céu está quase a cair, e começa assim o peso. Uma multidão espessa de corpos movendo-se num limite aparentemente definido, cercados de mar, de pedra e de barcos, e todos os corpos se moviam de lenta maneira — latejante. Aquilo é que era uma tanta gente! Quis experimentar o peso do vento. Cuspi. Era um vento semelhante ao de outros dias, de outras manhãs. Espreitei o céu, aclareado. Tanta gente curvada. Tanta gente no cais. Fumo aqui e ali,

onde se preparava, certamente, algum mata-bicho. Os velhos, os velhos gostam de mata-bicho. Mas e as crianças que gostam de brincar, por que corriam assim, agachantes? O peso, o peso, queria entender, discernir que peso era aquele. Nunca tinha visto tanta gente no cais, e nunca tinha visto tanta gente curvada no mesmo local, da mesma maneira, sem fronteira de idade, àquela hora do dia, àquela lenta movimentação. Passa o pássaro. Do meu mata-bicho, remeto-lhe umas boas migalhas. Pão, queijo. Quero que ele me entenda, que vá ao cais e me traga noticiosas confirmações, verídicas, factuais. De peso, pois. Que lhe esperaria aqui a recompensa, mais migalhas, ou quem sabe, um prato inteiro de milho. Olho o pássaro, suplicamentesperativo. Da minha varanda ao cais é já uma grande légua para esta minha perna. Olho o pássaro. O pássaro olha o cais. O cais cheio de gente. O pássaro-ponte entre o cais, a gente curvada e eu. O fim do meu mata-bicho sem conseguir conceber o porquê de tanta gente curvada no cais. Passou o pássaro, outra vez. Já não o vejo. Não distingo a mancha escura ao longe: será catarata, será pássaro? Mas a mancha cinzenta, a maré humana à beira do cais, mexe-se fervilhante. Têm todos a mesma altura quando estão curvados, ocorre-me. Há gente sentada, ao pé do fumo, aquecendo o olhar, o estômago talvez. E as mãos. As mãos junto à cara daquela gente curvada faz-me crer que choram. Tanto peso só podia originar isso.

O pássaro!, apetecia-me gritar para o pássaro. Ele em seus voos, ele e mais alguns colegas devolveriam a eretidão àquelas gentes. Três, quatro mil pássaros, passando rasantes por aquela gente curvada, passando por eles mais de uma vez, batendo as asas o mais estrondosamente possível, respingando água, ou merda, por que não?, respingando penas, reacordando o olhar das crianças, perturbando o

mata-bicho dos velhos, requisitando a atenção dos adultos, soprando aos olhos dos recém-nascidos e crianças de colo, instigando a revolução provisória entre as cabras, o alvoroço entre os macacos nas jaulas, o latido sexual entre as cadelas, um pássaro ou dois pousando no enorme relógio para uma fotografia, quinhentos procurando o navio mais próximo, um deles sentando-se aqui ao pé de mim e do milho para fazer-me o relato, e o cais, o cais invertido de cores e movimentações, os sons alterados, a marginal estonteante, as palmeiras chilreando, o mar desperto, tudo para que o pássaro, gritado por mim, ou por outro, convocasse, sei lá, três, quatro mil pássaros que rompessem abruptamente com a curvatura daquela gente que, cega e desorientada, com o olhar no chão, procura vestígios de uma nova esperança.

a filha do piloto japonês

(para Matsuo B.)

O piloto japonês preparava-se para o seu voo derradeiro; ao contrário do que muitos haviam feito, despediu-se da família com estreitos abraços e lágrimas japonesas e visíveis. Crê-se que chegou a dizer:

Bem, é certo que não voltarão a ver-me!

A filha mais nova, a que menos chorava, respondeu:

Em sonhos hei-de sempre voltar a ver-te, pai.

O piloto japonês sorriu.

três relógios e uma lua cheia

Se a lua brilhasse um pouco mais a noite correria o risco de definhar, perderia a sua aparência noturna. Estava lua cheiíssima.

O combinado era chegar de noite, como sempre. A impaciência tomou conta de Frida quando já tinha tomado o banho perfumado, posto a colônia masculina que usava há anos — desde que o pai falecera —, penteado o cabelo preto, espesso, belo. Escolheu uma toalha amarelo-torrada. Pôs pratos diferentes, dois apenas. Copos altos, mas não muito. Foi à varanda, olhou a lua. Alta, acordada, alva. Alcançou flores secas, cheirou-as, colocou-as desordenadamente sobre a mesa que era pequena. A sala encheu-se de imediato de um odor aveludado, daqueles a que usa chamar-se sugestivo.

A noite invadiu a sala.

Existiam três relógios na sala, pequenos, antigos, funcionais. Diz-se *existiam* porque Frida cria na existência deles. Quase os amava. Marcavam os três onze horas e catorze minutos. Ara estava simplesmente atrasada, mas Frida considerava-a já ausente. Abriu o congelador, a gaveta, a garrafa de vinho. Bebeu. Bebeu um pouco mais. Quase se acalmou. Foi ao quarto, pegou num caderno amarelo e leu: *hoje descobri que mais do que amar-te, preciso de ti para ser feliz. Hoje descobri que o encontro que ansiava há anos já aconteceu... Hoje penso em ti e sorrio, não porque és mulher, não porque és bela, mas simplesmente porque te encontrei. Quando durmo já não penso em ti. Penso em ti quando acordo.* As mãos cobriram o rosto úmido. Frida emocionava-se nas esperas mais do que na vivência dos momentos. Era assim.

Evitou estar quieta. Fechou o caderno; cheirou-o. Parecia uma gatinha com os seus dedos lânguidos acariciando um simples caderno que nas suas mãos ganhava vida, odor, presença. Procurou velas, foi buscá-las ao quarto. Entrou no antro do amor, onde os colchões — sobrepostos — repousavam desarrumados e vermelhos ao pé de mantas, cobertores, almofadas, panos, candeeiros minúsculos, velas e anéis espalhados por todo lado. Levou somente as velas para a sala, deixando a cueca no quarto. Embrulhou-se num pano longo, baço, e nele, nua, foi para a sala. Os relógios tinham todos mudado os minutos. A campainha não tocava.

Frida queria deixar-se adormecer, esquecer por via do sono e do sonho que o seu corpo pedia a presença de Ara. A janela estava aberta. A lua cheia e linda — porque se haviam passado vinte e oito dias desde a última lua cheia, e porque ela fora sempre linda. Sem Frida saber, Ara vinha a caminho.

Quando a campainha tocou, Frida sonhava que adormecera na sala com a mesa posta, com as velas acesas gastando-se tanto que a chama se aproximava da carpete, e que enquanto ela dormia profundamente a campainha tocava duas vezes, suaves e certas. Quando espreitou pelo buraco das visitas, Ara, ao sentir-se espreitada, sorriu. Na reduzida visão, via-se Ara num vestido negro, comprido mas leve. Tinha o corpo delgado, eroticamente insinuante, um sorriso fácil, uma boca pequena. E trazia os seios perfumados.

Frida nada disse. Abriu a porta rapidamente, abraçou-a, olhou-a de longe sem deixar de lhe tocar com os braços, o olhar, o pensamento já aveludado. Ara diminuía o sorriso mas não sabia cessá-lo. Estavam ambas emocionadas. Ara voltou a abrir o sorriso quando tirou do braço de Frida o caderno amarelo que fora dela. Sem dizer absolutamente

nada, Frida fechou a porta, pegou na mão de Ara, beijou-a. Tocou a boca de Ara, beijou-a, descontrolando-a. Frida tinha o dom de transformar a ansiedade em manuseamento erótico. Ara deixou-se beijar, sacudiu os cabelos de Frida, tomou conta do beijo, do abraço, da força do momento, do odor das bocas, do tocar e reencontrar de mãos e sexos. Ara não se despiu. Só se despia para tomar banho ou dormir sozinha.

Ainda não tinham feito uso de palavras quando se sentaram à mesa. No olhar de Ara havia um resto de saudade e a quentura do sexo. Frida comia com pouco apetite, tocando o pé de Ara. Sem ser romântica, a lua continuava — branca e erótica — ao alto da noite e da janela.

Ara olhou os três relógios empurradores de tempo. Sorriu. Estavam os três parados na mesma hora, nos mesmos minutos: eram dez para a meia-noite quando os três relógios pararam de avançar.

a esquina

Em [...], numa data social em que a vida por si só se tornou difícil e azeda, um homem de meia-idade inventou uma profissão para si mesmo. No sorriso da sua descoberta, pintou de verde-escuro um banco pequenino, passou a manhã esperando que o sol ausente o secasse com a temperatura possível. Engomou o fato castanho e escolheu aleatoriamente uma das muitas esquinas da cidade. Num cartão pequeno escreveu à máquina: “tiram-se dúvidas”.

Resistiu pacientemente aos primeiros vinte e três dias em que ninguém caiu na tentação de lhe fazer uma pergunta que fosse. É sabido que as pessoas paravam para ler o cartão, e que sorriam ou acenavam, cumprimentando-o. Está escrito que ele ripostava com a agradabilidade do seu sorriso curto, cordial, calmo. No vigésimo quarto dia uma criança sentou-se no chão ao pé dele. Ao fim de algum tempo, sorriu. O homem também sorriu. A criança, miopemente, soletrou com a boca e os olhos: *ti-ram-se dú-vi-das...* Fechou o seu sorrisinho e olhou-o intrigada. Quando se preparava para murmurar algo, ou quando o homem se preparava para murmurar algo de volta, um senhor prostrou-se em frente ao banquinho, à mesinha, ao homem, à criança, aos seus sorrisos parecidos.

Não havia preços. O certo é que a criança todos os dias se sentava ali, o homem todos os dias lá ia, as pessoas apareciam com mais frequência. A esquina ficou conhecida como a esquina da dúvida, onde ainda hoje todos os cafés têm pinturas ou esculturas do homem, o banco, a mesa, o cartaz e a criança ao lado — no chão.

Se chovia retiravam-se para um parapeito. Se fazia vento aconchegavam as pernas um no outro. De longe, o que se via era o sorriso calmo, cordial, curto do homem intercalado com palavras poucas, mansas. As pessoas sorrindo se afastavam.

Numa tarde fria, bela, chegaram a acumular-se três pessoas para tirarem dúvidas. Quando o homem disso se apercebeu, enternecido, olhou a criança. A criança, surpreendida com aquele olhar extenso, olhou o cartaz. Soletrou mais alto do que da primeira vez, para que todos na fila o ouvissem: *ti-ram-se dú-vi-das...*

O tirador de dúvidas afagou o menino. Disse-lhe um segredo: *dúvida é quando não sabemos bem alguma coisa*. O menino enxugou o ranho transparente do seu lábio, sorriu, procurou a orelha peluda do homem: *dúvida é amanhã?*

Mãos dadas, dúvida virou nome de esquina.

o sangue no cavalo

*Éramos eu e um cavalo/ E era um cavalo bravio
[...] Éramos eu e um cavalo/ Indo de encontro ao vazio.*

DORI CAYMMI cantando *Desafio*

O cavalo — e eu ardendo de febre; a bala no peito sufocando-me a circulação, eu sentindo aos poucos o coração resvalar para a dança da morte. O cavalo correndo imparavelmente, a minha mão tecendo festinhas no pelo curto, a cela apertada demais, e a correria desenfreada rompendo a noite. De suor nos lábios, de pés gretados e doloridos, de bala no peito instilando-me frio, soube que morreria feliz. O vento bateu-me na face e eu caindo senti o meu último calafrio — o chão aproximou-se-me da narina e desferiu um poeirento golpe; engoli sangue e grânulos de areia; e, do chão amigo, vi o cavalo distanciar-se em circular galope. Um círculo enorme, no que foi uma ventoinhação de cauda e crina espavoneada só para mim. Vi o cavalo descrever o círculo que o conduziria até mim — que me calcificaria a pele pisada; que me aumentaria o sangue em redor; que me rebentaria a boca; que me esmagaria o coração de encontro à bala; que me traria a dor que é mãe da lágrima; que me faria não chorar, não rezar, não berrar, mas apenas contrair-me de medo. Depois do círculo, o meu cavalo — o meu cavalo humano, amigo, terno, tímido, caloroso, despido, desimpedido — viria com força pisar-me. Instituir-me a morte; apresentá-la num momento sem hesitação ou cerimónia.

O meu cavalo ferido com a minha ausência; o meu cavalo ainda cheirando a pólvora; o meu cavalo procurando por mim; o meu cavalo

bravo com os seus duros cascos; o meu cavalo sobre mim, na escuridão que já havia e mais ainda assim houve.

Depois do medo, veio a felicidade. A última instância entre nós havia sido o compacto toque, o êxtase de uma intimidade, ainda que coicemente endurecida, ainda que mortífera. Ao vê-lo galopante, soltando das narinas fagulhas de vapor, intimidando o vento, mesmo sentindo o odor do meu sangue brotar dos seus cascos, mais do que a minha pude inspirar a ofegante paz do meu cavalo. No que foi a gota última de oxigénio que pude reter ou desfrutar, quis compreender que o cavalo não era *meu*, que eu nunca fora seu ascendente e que a minha morte lhe oferecia um belo coice noturno e inconsciente, sangue que se coagularia efemeramente nos cascos e a temida mas chegada liberdade.

A liberdade, sim — sobre os cascos, sobre os dias, sobre as futuras travessias de águas irrequietas chamadas rios.

o engraxador

(para o Kinaxixi)

O miúdo estava distraído — ou mais que isso. O olhar viajando longe, a cabeça forçando o pescoço em manobras impossíveis. Com os olhos, ele procurava a visão de um outro lado, uma outra realidade, houvesse uma porta mágica que cedesse passagem.

O homem chegou na sua habitude matinal; uma caminhada longa e, antes do emprego, da rotina, o devido engraxar. E os sapatos: seus terceiro e quarto pés, uma outra pele, mais habilitada a caminhar. Era de seu pessoal gosto e asseio entrar no escritório devidamente reengraxado. Diz-se “reen” porque o ato era já de certa antiguidade. Quando fora essa vez, a primeiríssima?

O miúdo foi trazido ao seu mundo, seu calor, seu odor, pelo som da napa aplacando duas nádegas. No nariz, o ranho pretendendo descair, solto, nu, mas — instinto! — reabsorvido vigorosamente. Olhou o homem sentado. Ele, de seu olhar distante já, como que atrapalhado, assim, recolhidamente. O miúdo, seus acessórios poucos, em pouco desalinho, pegou um pano. Sacudiu, sacudiu, sacudiu. A poeira ofuscava a realidade e isso era causa de um sorriso por engraxamento — cada um com suas íntimas poesias.

O homem tossiu, leve — coisa nenhuma, mais respiração arfada que engasgo. O jornal no sovaco ali ficou, para espanto do miúdo. Apertado, o tabloide absorvia transpirações, enxugava cheirares, admoestações olfativas. Trocaram um olhar exato, fixo, quase, quase

amistoso. O miúdo revelou também uma atrapalhação sua, assim, recolhidamente.

O miúdo olhou o pano. Esticou, sem dar confiança aos buracos. Com a intimidade do artista mirou o pano esticado, sua tela amiga, diária, evasiva. Cuspiu num forte arremesso, não fosse o vento trazer-lhe desgraça — um cuspe voado originaria uma bofetada imediata, quem sabe mesmo, um pontapé. Porém, o miúdo: numa indecisão contida, amálgama de movimentos sem definição, na certeza porém de não tocar ainda e por enquanto ou nunca, os pés do homem. Estes, apoeirados, isentos.

O homem consultou as horas. Já passavam. Engoliu, breve, o cuspe na garganta, bola enorme deslocando-se lentamente baixo-cima e abaixo. Deu, por hábito, duas batidas no visor do relógio; bafejou, limpou. Dentro dos sapatos mexeu os dedos, automassagem usada em esperas. Quis executar um qualquer gesto, o mais vulgar que fosse, não soube qual. Seu corpo o denunciou: mexeu-se em desajeito, coisa nenhuma, absolutamente. Mas ficou no ar, entre eles, a menção física do inacontecido movimento.

O miúdo:

Kota, num tenho mesmo graxa hoje, vamo só tirá pó.

O homem:

Num vale a pena, ndengue;^[3] eu hoje num tenho cumbú.^[4]

a gaiola

A vizinha acaricia a gaiola com o cuidado definido de uma predadora. É mais que amor; superior dedicação.

A gaiola tem um pano a cobri-la.

Tento cumprimentar:

Boa tarde, vizinha...

Nem uma, nem duas. À terceira tentativa consegue enfiar a mão na escuridão do pano — o secretíssimo seu segredo. Da janela, eu, o curioso. Ela, prazerosa, no esplendor do seu sorriso. Os músculos sólidos do antebraço regozijam-se em movimentos certos. Os olhos fechados. A gaiola-mistério intacta — não há som.

Vizinha, boa tarde...

No céu, escurecendo, brilha uma estrela solitária, tímida.

A gaiola estremece e — oh! — é a outra mão, por baixo.

Transporta a gaiola para outro banco mais alto. Diante dos seus seios fartos repousa, sob o pano, o objeto coberto — quase uma extensão daqueles. Sob o pano desapareceram os dois antebraços e o princípio das tetas. E ela — sorri; com um nítido esgar de prazer.

Vizinha...?

Os olhos fechados, os pés sem tocarem com firmeza no solo. Abateu-se sobre nós uma repentina escuridão, uma ambiência ofusca.

A vizinha acaricia a gaiola com a precisão de um felino. Uma felina. O véu soergue-se como numa magia e julgo ver algo mais. Mas nada vejo.

Ela espreita — num início de deslocação.

Entram as orelhas. A nuca. Já não lhe vejo o cabelo. Não distingo o pescoço do pano que cobre a misteriosa gaiola. Há silêncio — esse silêncio que antecede o impossível. E, num saltinho, coisa nenhuma, vaporosa deslocação, num “ai que me vou”, um sopro noturno, como direi?, num momento menos havido, ela, a vizinha, repentina e leve, levemente repentina, toda ela, ancas enormes, pernas entroncadas, tornozelos desafogados, a vizinha, nesse “ai que me fui”, desaparece! — como um vulto assustado. Fugaz. Ido.

Vizinha...!

A gaiola — a secretíssima objeta, repousa sobre o banco. O véu consta igualmente.

Há a estrela. Há o silêncio.

E eu:

Vizinha!, vizinha...

Resta só quietude.

O chão, esse, acolhe um fiapo de cabelo, manso, que do entre-escuro cai, flutuando, em breve errância vertical. Só.

na encruzilhada

(palavras para o Branco, homem de muitas estórias, incluindo esta)

À meia-noite, a natureza instala no mundo diversos palcos para que estranhas manifestações tenham a oportunidade de suceder. Ruídos bafientos, cruzamentos de espécies diferentes, violações de campos desertos, chuvas brilhantes, murmúrios de melaço, ocorrências mais assim — equívocas.

Foi uma vez: dois compadres caminhavam. Com olhares, escavavam o breu.

O Outro tinha uma barba imodesta, desarrumada em seus crespos pelos. Acompanhava-o, há anos, um tédio pegajoso que nem os futebóis nem as cervejas conseguiam despregar. Um semblante gémeo da face obscura da lua. Os olhos, como que amarelados, em franca sonolência. Os pés, metidos muito para dentro, faziam dele um ser desinteressante a quem chamavam, com leveza, “o Outro”.

— Ó compadre — começou o Outro. — O compadre frequenta encruzilhadas?

— Eu? Frequentar encruzilhadas? — suspiro. — Deus me livre!

— Mas porquê? Tem medo?

— Eu? Ter medo? Não me faça rir, compadre!

— Então... — pensativo, o Outro. — Se não frequenta encruzilhadas, tem medo delas.

— Eu?! Medo delas? Tenha juízo, compadre.

Caminhavam. As árvores ao largo chocalhando barulhinhos de folhas nervosas, irritadas com o vento. A lua (quase) grávida, faltando-lhe uma unha negra para isso. E o mocho, certo, no seu olhar e pio.

— Quer dizer que o compadre não tem medo de se pôr, à meia-noite, numa encruzilhada...? — o Outro recomeçou.

— Eu? À meia-noite? Não tenho medo nenhum... mas não tenho razão para fazer isso, compadre.

— Então fazemos uma aposta...! — pararam de caminhar.

— Nós? Uma aposta? Pois seja, compadre; veja lá, não se vá endividar mais... Depois a comadre reclama — sorriu.

— Se o compadre não tem medo de estar à meia-noite numa encruzilhada, também não tem medo que lá apareçam determinadas criaturas... — voltaram a caminhar.

— Eu, medo d'outras criaturas...? Mas quê, fantasmas vestidos de branco? Assombrações? — desatou na sua aguda gargalhada.

— Ou outras mesmo... — o Outro olhou-o seriamente. — Numa encruzilhada, à meia-noite, tudo pode suceder.

— Bem — cogitou o compadre. — Se aparecer o Diabo é mais grave... Se for um lobisomem não há problema nenhum.

— Então..., o compadre também não tem medo de lobisomens?

— Eu? Medo do lobisomem?! Ó compadre, por amor de Deus! Por amor de Deus... Até lhe fazia festinhas!

O Outro coçou a barba, a mansos modos, numa apreciação da aposta possível — as unhas longas arranhando os incrustados pelos. A barba cerrada não permitia ver o queixo, a ossadura proeminente, as cicatrizes. Olhou a lua. Falou:

— Então aposto consigo, compadre — pensativo.

— Sim? O quê que aposta, compadre?

— Aposto que o senhor amanhã não tem coragem de vir à encruzilhada, precisamente à meia-noite...

— Quem, eu? Precisamente à meia-noite? Por amor de Deus, compadre... Está apostado! E vamos apostar o quê?

— Aquela sua medalha de prata, compadre — sorriu o Outro, mas sorriu apenas usando o interior da garganta.

— Pois seja, compadre. E se eu ganhar, aquele seu garrafão de vinho muito antigo... O que acha?

— Pois seja, compadre... Mas amanhã, virá sozinho.

— Pois sim, sozinho, claro está — sorriu o compadre.

— Então está combinado. Meia-noite, sozinho — disse o Outro.

Seguiram calados. O mocho cessou o seu assobio noturno. A lua subia, subia, querendo esconder-se.

O dia seguinte passou de repente. O fim da tarde, a mais bem dizer, encontrou o compadre na taberna. Um copo atrás do outro, como convém ao bom cliente. O sabor delicado do vinho afagando a língua, pendurando-se na garganta, violando os ácidos corrosivos do estômago. *Mais um, Belito. Traga-me só mais um...*, disse, vezes sem conta.

O compadre, bem-disposto, jantou em casa. Lá pelas onze, pôs-se a caminhar em direção ao local combinado. A digestão exigiu um passo mais lento, os minutos estenderam-se. E, finalmente: a encruzilhada — um vislumbre de sombras dançantes.

A lua causa na terra sombras bem distintas das do sol. Enjeitadas figuras prateadas, um capim que dança ao vento, uma árvore gigante, um pássaro que, tardado, voa. Em plena encruzilhada, parou — o compadre. Do capim movediço, um grupo insignificante de gafanhotos voou, deixando à vista nua dois ou três pirilampos que se haviam escondido. Bem digo, a lua causa na terra sombras de prata que ornamentam encruzilhadas. À meia-noite.

O compadre quase adormecia. Esperar, no fundo, não passa de um exercício de paciência, um modo de estar pouco próprio aos humanos. Já as árvores suportam melhor esse estágio.

Encostou-se à árvore.

Por mais que quisesse ignorar, era difícil: sentiu, no cachaço, um ar quente penetrar-lhe a espinal medula. *Do vinho...*, pensou. Mas seguido de um arrepiamento gélido, o bafo fez-se sentir mais consistente. Uma respiração certa, um momento próprio para se arrepiar de verdade. *Querem ver...?*

Virou-se, tão súbito quanto o álcool permitiu. Olhou, castanha, maciça, a árvore. E sentiu, instantaneamente, a quentura cobrir-lhe o pescoço, quase uma massagem gasosa; uma almofada de ar; um carinho quente. Apetecia deixar-se adormecer. Mas, a aposta! *O Diabo não é! Não cheira a nada, não vejo fogo, não está o cão que o acompanha.* Sorriu. Virou-se, novamente. Os capinzais dançavam mais exaltados. A lua estava prestes a parir, esférica como num poema; úmida até, pareceu-lhe.

Ouviu o primeiro ruído. Que susto — que susto!

Era uma passada consistente, uma boa quantidade de capim pisado. Arrepiou-se. Sentiu-se invadido por uma sinfonia de movimentos nos pelos dos braços, aperto de bexiga, esticção na coluna e umidade no olhos.

Ouviu o segundo ruído. Nitidamente, um arfar.

A criatura respirava a modos profundos, gastava muito oxigênio de cada vez, só podia ser grande. No chão, a sombra da evidência: a criatura era enorme. O compadre, ainda tonto, afastou-se da árvore, posicionando-se bem no centro da encruzilhada. Continuava com a sensação do bafo arfante no pescoço mas, virando-se, nada

vislumbrava. No chão, quase em relevo, a sombra mantinha-se. Que criatura se expressa assim, a metades de consistência?

Fechou os olhos por segundos. Antes de os abrir, sentiu o primeiro cheiro. Quase se absteve de voltar a espreitar a realidade. O cheiro: um misto de cavalo, terra, avestruz... ou, simplesmente, o suor de um antílope. Abriu os olhos: o monstro enorme abriu a boca fétida. Urrou, expansivamente.

Mas!, diz que o susto é uma construção interna, carecendo de pressupostos. E o compadre não estava munido deles. A criatura estremeceu. Urrou expansivamente, como foi dito, bem junto à face neutra do compadre. E urrou renovadamente. O segundo cheiro chegou, vindo da boca: mistelas antiquíssimas, ervas raras, penas de pato, vinho e lama.

E, espante-se, o compadre sorriu.

A criatura quase entrou em pranto. Uma timidez repentina invadiu-a. O compadre não dispunha de condições para o devido susto. Aliás, o compadre sorriu, ele sim, desabando numa enorme gargalhada, ecoada nos mistérios daquela encruzilhada. Olhou para cima, para o cimo da criatura. Cambaleante, falou assim:

— Calma, compadre!, calma. Não fique assim... É só uma aposta!

amarela

Aconteceu aqui, mas poderia ter sido em outra parte do mundo. Ou talvez não. Talvez os acontecimentos estejam em fila, ordenados, justos, esperando para colidir com as pessoas, e as pessoas, iludidas, pensem que a colisão além de natural é aleatória.

Foi de manhã, não muito cedo, porque também as horas dormem e o sol vem de longe. Fui buscando, com o olhar, o local. Era uma ruela pouco convidativa, onde uma árvore desolada e triste não dava sombra pois o sol não chegava ali. Haviam dado o endereço a uma amiga distante da minha irmã mais nova. O papel chegara já gasto às minhas mãos e finalmente pareceu-me estar à porta do edifício pretendido.

Dois lances longos de escada levaram-me a uma porta pintada de azul-escuro, numa coloração carregada que lembrava as águas profundas do mar. No fim do corredor pouco iluminado, no cimo da porta, o letreiro tinha a primeira parte já apagada e, onde ainda era possível ler algo, lia-se “viagem”. Bati à porta. Uma voz mandou-me entrar.

Era um quarto pequeno que outrora fora branco, tinha fotos e posters enormes colados numa das paredes, uma janela minúscula e torta que dava para o tronco de uma árvore maciça, a secretária onde repousavam papéis coloridos, guaches e aguarelas ressequidas e, por sobre uma cadeira confortável, um homem muito esguio e muito branco tinha um sorriso pendurado nos lábios, oscilando os óculos no nariz — para cima e para baixo — sem fazer uso das mãos, fato que me deixou algum tempo perturbado pois aquela movimentação

indicava um certo treinamento na arte de mover acertadamente as orelhas. O homem muito esguio e muito branco executou um gesto breve com a mão e entendi que devia sentar-me diante dele. Era um momento talvez cínico, mas o silêncio não foi, confesso, incomodativo.

— Veio para a consulta do viajante? — perguntou, e reconheci na sua voz uma pueril seriedade, alguma armadilha discursiva ou filosófica.

— Parece que sim.

— Nem tudo o que parece, é.

— Pois não — disse eu.

A sua mão dirigiu-se à parte lateral da secretária e, de uma gaveta imprevisível, retirou um enorme atlas envolto em poeiras e cheiros de um outro tempo. Soprou. Ambos sabíamos que a poeira dançaria no ar durante alguns instantes e que esse seria um momento simultaneamente repousante e avaliativo.

— A que país se dirige? — olhou-me por sobre os aros, e pude ver que os seus olhos não eram nem verdes nem azuis.

— Senegal.

— Pousa em Dacar?

— Certamente — respondi.

— E quando será isso?

— Já amanhã.

— Pela tardinha? — mostrou curiosidade.

— Não — mostrei satisfação. — Pela noitinha.

O seu polegar divagava — roçando — entre o dedo médio e o indicador. Gesto que, nem lento nem precipitado, parecia ser coisa de sedimentada habitação. E olhava para mim — o homem muito esguio

e muito branco. Abriu a página do atlas que continha ilustrações várias sobre o Senegal.

A sua cabeça mexia agora, com vagar, para cima e para baixo. Leu algumas dessas informações que os mapas usam revelar. Guardou para si o resultado lógico das deduções que terá feito. Abriu um livro outrora branco, agora amarelo-escuro — não pela incidência solar mas pelo desgaste do manuseamento.

— Ceda-me o seu boletim de vacinas.

— Infelizmente não o trago comigo — respondi, embaraçado pelo meu esquecimento.

— Lembra-se das vacinas que já tomou?

— Não. Lembro-me das doenças que já tive.

— E dos locais que já frequentou?

— O que têm?

— Lembra-se deles?

— De alguns.

— Mas não de todos? — perguntou num tom que não era nem de brincadeira nem de seriedade.

— Apenas de alguns.

— Que pena. Eu lembro-me de todos.

Continuou lendo o seu livro amarelado, tendo-se depois levantado para, de uma gaveta distante, retirar embalagens de vacinas, duas seringas gordas e as respectivas agulhas assustadoras. De volta ao seu assento, passou pela porta, rodou a chave, trancou-a. Depositou a chave no bolso enquanto, tranquilo, apreciava o meu espanto.

— Onde julga você que está? — desafiou-me.

— O que julga você que vai fazer com essa seringa? — desafiei-o.

O homem muito esguio e muito branco mudou a expressão no seu olhar. Era espanto e desconforto. Mas era rejuvenescimento também. As rugas junto aos olhos reduziram a sua pressão dérmica. O seu olhar ganhou umidade. Tentei não mostrar que sentia medo.

— Vai ficar em Dacar? — recomeçou.

— Não. Sigo depois para Gorée.

— Gorée ou Dacar, tudo é Senegal, e preocupam-me as febres. Bem sei que não traz o boletim, mas sabe se tem as vacinas atualizadas? — o homem parecia sério; olhando para mim, desfez-se das embalagens e, com a ajuda dos dentes e de um hábil jogo de mãos, ia preparando a injeção.

— Lembro-me que já tive febres normais. E, num 13 de Maio, em São Tomé, sucumbi às temperaturas da febre tifoide.

— Eram temperaturas elevadas?

— Sim.

— E teve alucinações?

— Também.

— O que viu?

— Primeiro não vi nada. Mas não conseguia parar de fazer quadras.

— Como eram as rimas?

— O primeiro verso rimava com o terceiro e o segundo com o quarto.

— O habitual. E depois?

— Depois de ter completado dezassete quadras com lógica e ritmo, começaram as alucinações. Julgava ver duas ilhas. Eu encontrava-me na ilha da febre; dois homens e uma senhora encontravam-se na ilha onde não havia febre.

— E o que se seguiu?

— A senhora ordenou aos dois homens que me salvassem.

— E eles?

— Eles recusaram-se. Mas ela identificou-se.

— De quem se tratava?

— Da primeira-ministra australiana.

— Você julga que pudesse ser alguém fazendo-se passar pela primeira-ministra australiana?

— Cheguei a ter as minhas desconfianças.

— De quem suspeitou?

— De Nossa Senhora de Fátima.

— Estupendo — disse ele.

— Também achei — disse eu.

A injeção estava pronta. A agulha não reluzia, mas nem por isso ganhava um aspecto menos assustador. O homem muito esguio e muito branco fechou o caderno amarelado. Através do movimento discreto de orelhas provocou, novamente, a oscilação lenta dos óculos. Uma libélula minúscula entrou pela janela e, embora eu tivesse desviado o olhar para observá-la entrar, voar e voltar a sair, o homem muito esguio e muito branco não parou de olhar para mim. Uma ligeira pressão no êmbolo originou o esguicho da praxe. No que foi a movimentação ligeira dos seus lábios, julguei descortinar um esgar de prazer.

— Tenho que aplicar-lhe a vacina contra a febre amarela. Está pronto? — indagou, numa voz calma.

— Julgo que não.

— Como diz?

— Julgo que não estou nem estarei pronto para tal vacina.

O homem muito esguio e muito branco franziu o espaço que ia de uma sobrelha à outra. Fez menção de um qualquer movimento desajeitado. Preparei os músculos dos braços e os punhos para um eventual confronto físico. Mas não.

— Tem algo pessoal contra as vacinas?

— Contra todas, não. Apenas contra essa.

— A da febre amarela?

— Exatamente. Como já referi, tive a oportunidade de conhecer outras febres, mas nunca uma de cor amarela. Nutro uma certa curiosidade por essa febre específica.

— Ouça, não pode sair daqui sem tomar uma vacina — disse, resignado mas resoluto. — Tem alguma sugestão?

Olhei para a porta trancada. Voltei a olhar em frente. O seu cotovelo voltou a pousar sobre a secretária. Uma certa apatia invadiu-lhe o rosto.

— Aceito uma vacina contra a raiva.

— Muito bem. Parece-me apropriado. O mundo não está para brincadeiras.

Depois de trocar o conteúdo, a injeção foi-me aplicada. Desdobrei a manga da camisa, voltei a abotoar o botão. O homem muito esguio e muito branco retirou a chave do bolso, deixou-a ao alcance da minha mão. Levantei-me no mesmo instante em que ele se sentava. Abri a porta. Passei por ela.

— Leve a chave como recordação — disse ele. — Assim um dia, mais tarde, se chegar a ter uma febre de cor amarela, venha cá devolver-me a chave.

— De acordo.

— Se eu não estiver, deixe-me um relato. Eu passo cá de quando em vez.

Desci as escadas. Um torpor de paz invadiu-me a zona superior do braço e por breves segundos senti um medo profundo. Já na rua, vi tombar da janela um pequenino papel branco. Desamarrotei-o. Era o papel gasto que haviam dado à amiga distante da minha irmã mais nova. Reli o endereço e em nada condizia com a rua ou o número onde me encontrava.

Guardei o papel como recordação, junto da chave. Vi a árvore maciça. Num galho minúsculo repousava a libélula — misteriosa, discreta mas sorridente. Quase, quase amarela.

conchas escuras

a velha

*Era uma velha, uma velhinha — de história, de estória —
velhíssima, a inacreditável. [...] tresbisavó de quem, nem de
que idade, incomputada, incalculável, vinda através de
gerações, sem ninguém, só ainda da mesma nossa espécie e
figura.*

JOÃO G. ROSA, *Primeiras estórias*

Faz hoje precisamente [...] anos que a velha deixou de envelhecer. Iniciou este estado de intacta decomposição e nunca mais evoluiu em direção à morte, ao passamento: chegou ao estado e à idade em que os dias lhe não tingem nem atingem. Há anos que não olhava para ela com atenção, nem lhe dava de comer, nem sequer reparava no seu cheiro hipopotémico. Não foi o tempo que parou para ela, foi ela que parou o tempo nela. Há velhas teimosas. As datas servem para isto: memorizar sucedências, cravar na memória uma iniciativa, esculpir o começo de uma ação ou erro. Hoje olhei para ela, cheirei-a. A morte estava tão distante e o tempo tão desfalecido, que ocorreu-me a vertigem de nada poder fazer. A idade antiga traz poderes que o corrente humano não domina ou entende. Gritei. A morte acordou, o tempo continuou o seu sonho sonolento. E a velha olhou-me nos olhos: o desafio da múmia andante. Um saco de peles seria um elogio. A serapilheira é mais bela que a revestidura da velha. Os ossos haviam perdido os seus contornos circulares e macios, e aguçavam escarpas bicudas em tudo o que fosse canto do seu corpo; os dedos eram a imagem verdadeira e cinzenta de ossos visíveis, ainda com restos de peles, com odor a peles mortas, caídas; a cara estava tão magra que os maxilares pareciam varandas; os olhos, sem sítio em que

se janelarem, penduricavam-se repentinamente das órbitas ossais e vacilavam entre o toque na ex-bochecha e a reentrada na sua gruta oca, escura; o nariz mais parecia uma pequeníssima ponte de osso frágil, próxima de dois orifícios acinzentados, gretados a cada passagem das mãos-osso; não tinha orelhas, a velha, mas pendiam-lhe dois enormes brincos indianos, verticais, como que magicamente sobrevivendo à escassez de pele; julgo tê-los visto presos, em cima, a qualquer osso lateral da cabeça que os segurava numa piedade última mas vigorosa; a pele, como digo, definhara tanto que também se havia já rasgado nos ombros, onde as omoplatas, assim visíveis, pareciam asas aláveis, quase belas, lembrando esculturas; os joelhos entrechocavam-se ruidosamente, a cada passo julguei que ela tombava e o esqueleto se desfazia — aquebrantado. Mas não. A velha caminhava com o mesmo atrevimento desenvolto com que exibia a sua dentição inexistente, e mexia-se numa movimentação incoerente, insustentada, inexplicável. Roçava nas paredes com a ponta dos cotovelos e riscava a tinta deixando nela o cinzento arranhão da sua passagem acidentada; riscava os armários da cozinha com os ossos das mãos porque os seus movimentos contavam ainda com as dimensões ausentes do revestimento das peles; acordava-me de noite com o chocalhar de ossos quando se sentava na sanita e não fazia barulho — claro! — porque não tinha nada a verter, nada a acumular, nada a respirar, nada mais a causar neste mundo. Olhou-me nos olhos. Segui-a. Vi como se aproximava da cama, pela lateral, sem desarrumar as pernas, sem deixar que a labiríntica ossada se desfizesse num puzzle irrecuperável. Afagava a cama como se as unhas deslizassem por mármore. Tapo os ouvidos. Um arrepio. Um arrepio. Então assisto ao seu segredo: a velha desmonta-se, osso por osso, conseguindo transferir a sua ossada

para o repouso dos sublençóis; absurdamente espantoso, fantasmagórico — absolutamente! Antes de se desmontar num lado já se está a montar do outro, desenvolveu o treino ao longo dos anos, imagino: no primeiro dia só a mãozinha; depois de uma semana o braço esquerdo, que o destro convém mantê-lo pronto; mais tarde os membros inferiores, quem sabe mesmo arriscar a bacia; já bem treinada, a coluna vertebral, a nuca, o tronco; e, num dia vitorioso — a morte desatenta, o tempo embriagado —, o corpo todo numa transladação lúcida e anatomicamente improvável. A velha. E eu vendo-a: osso por osso, devagarmente, ela desmonta-se à luz do luar, e remonta-se embaixo dos lençóis, num segredo só seu de automontagem, cuidadosamente, uma falangezinha e o esquema pode comprometer-se, uma vértebra a menos e a coluna desmorona, que técnica!, que rápida suavidade no transporte da ossada, lá está ela, mais um ossinho, um estalido, crack!, outro ossinho e o corpo embora dividido está uno, porque mal desaparece da sentadura onde ela se desmonta com precisão aparece na deitadura onde ela se remonta com exatidão. Boquiaberto eu. E num ossápice ela toda deitadinha, refeitinha. Só alguma poeira no ar que salta das junções e, no eco, a lembrança do som dos ossos sendo retirados do meu alcance visual e reencaixados lá embaixo, do outro lado do lençol. Gritei. Não para a morte mas para assustar o tempo. Ouvi um tic e depois um tac. O relógio de parede, enorme, mas intacto: a velha tinha soluçado. Ocorreu-me que tinha de surpreendê-la, acabar de vez com aquela pausa temporal nociva à própria humanidade. Fechei os olhos à velha. Pacientemente, obriguei-a a tomar na sopa doses descomunais de veneno para ratos. Não soluçou mais, e senti que a morte a apaziguara. Enquanto o tempo se espreguiçava apercebendo-se que era tarde,

enquanto os ratos se passeavam porque a provisão de veneno sucumbira, enquanto a morte se distanciava porque a minha hora ainda não era chegada, segurei a velha na ponta do dedo grande do pé, e puxei-a de supetão sempre na esperança de que o esqueleto com restinhos de pele se desfizesse em catorze mil pedacinhos e eu pudesse finalmente ouvir o som irrepetível dos ossos a quebrar. A velha inanimada tombou cama abaixo, a nuca embateu ruidosamente no chão e, pelo som, pude contar três investidas contra o solo. Mas as peças desmontadas aos meus olhos incrédulos enquanto ela ainda vivia, e montadas sob o lençol na sua secreta e anciã técnica de autotransladação, as peças tão certamente recolocadas umas entre e sobre as outras, não cederam um milímetro que fosse.

Uma ossada coesa arrastava-se no chão — em direção à campa — deixando o trilho de teimosia, rigor e vitória, da velha.

a filha da sogra

*A campainha da porta era o alarme da minha alegria.
Não te perdi a ti,
perdi o mundo.*

INGEBORG BACHMANN, *O tempo aprazado*

Pelo menos levou a mãe. Não que eu tenha algo pessoal contra as sogras. Não. Contra as sogras dos outros não tenho nada. Tinha contra a minha. Mas era pouco nítido isso, porque gostava da sua filha. Muito. Agora que ela desapareceu, tudo e mais alguma coisa se desvanece.

Ela partiu. De repente, a sensação de que a vida se volta a resolver. Como se a vida, na solidão, se revelasse mais simples, mais resumida. Mais quieta também. Sem mata-bichos a três, sem sombras no jardim, sem sogra. Sem sogra. As chávenas limpas, uma chávena suja de cada vez. Sem lanches, sem grandes almoçadas, a família, os familiares sorrindo incansavelmente um domingo inteiro, noite adentro. Como se a vida tivesse várias paragens, algumas delas bruscas; outras extensas. Uma paragem em que o tempo parecesse ter emperrado.

É o início, o início, penso. Tudo vai parecer mais longo agora, mais pausado, mais atemporal, mais fresco mas mais longo. As árvores abanam mais devagar, tenho mais tempo para percorrer o corredor até à cozinha, em vez de um copo bebo dois ou três dedos de água. E está gelada demais; silenciosa. Os corredores passam a fazer companhia, a televisão deixa de fazer sentido, ninguém me pede para desligá-la. As janelas ganham poeira, a cama farta-se dos mesmos lençóis: quietos,

adormecidos, cheirando a solidão. Partiste. Felizmente a tua mãe partiu também.

A noite é uma balança maneta; repouso num dos lados. Só. De noite creio que estou só, julgo crer que estou só de vez. A cama..., a cama, como testemunha acusatória do sucedido. O silêncio no corredor, a tua mãe não ressonando — a maior chaminé do mundo apresentou a sua demissão tardia. A ventoinha desligada porque nem sequer a liguei, nem te vais levantar a meio da noite, ensonada, bela, nua, para desligá-la. A ventoinha com pó; a ventoinha triste, metálica; a ventoinha tombada no chão porque eu não vou apanhá-la. As janelas abertas, os mosquitos entrando, sorridentes, satisfeitos, vampiricamente repletos do meu sangue, gordos, escuros, mas saturados de tanta facilidade. Os mosquitos saindo e entrando, empanturrando-se do meu sangue, não crendo, uma e outra vez, que eu não os vá afastar. Os mosquitos adormecendo exaustos junto à janela, e o galo acordando quem esteve a dormir. Não eu. Não eu. Os mosquitos mortos, um a um, na pesada sonolência da fartura, no rebentar do meu próprio sangue. E a janela, suja, sanguínea, onde o sangue acabará por virar mancha escura. O meu sangue e o dos mosquitos. Porque eu não vou limpar a janela.

De manhã transpiro. Espirro. Pela primeira vez em tantos anos tomo banho de água fria. Só para experimentar uma sensação diferente. Estarei a precisar de sensações diferentes? Mais ainda? Não costumava matar mosquitos; não costumava tê-los no quarto. Não costumava encontrar a ventoinha no chão. Não costumava dormir com o silenciar manso dos grilos, pois acontecia a tua mãe substituí-los. Só para experimentar uma sensação diferente deixo a água fria cair sobre mim. Tremo. Tremo. Não de frio, mas porque acordo para outro

mundo. Água fria, água fria caindo sobre mim, como que acordando o novo ser, a nova vítima dos mosquitos e do silêncio inacontecido dos grilos, o novo inquilino da sua própria casa, o homem tendo pesadelos com os roncões da sua longínqua sogra. A sogra. O ronco absurdamente gigantesco da sogra. A semelhança com a proximidade de um aeroporto. Várias vezes pensava nisso: deviam atribuir-lhe um prémio. A sogra-boeing. A sogra-space-shuttle. Um prémio, sim: o Nobel da pseudoaviação.

Na tipicidade masculina dos meus pensamentos, encontro-te pouco. Tudo em volta de mim: a sogra, os jardins, a casa, o esquentador, a ventoinha, até os mosquitos. Será que me lembro da tua nudez? Revejo-te as pernas, os odores, as axilas calmas de noite, os braços longos, envolventes, cuidadosos, delicados, musculados; as unhas, as unhas acesas — carnívoras? As costas. Os ossos da cara. A cara, meu amor — o teu rosto...

Creio no sono. Na incapacidade momentânea de continuar, de repousar. A relva no jardim crescendo. As baratas multiplicando-se na despensa do quintal. Um ou outro pássaro começando o ninho na nossa janela. Na minha janela. Já cá não estás, não é? Já não estás. Nem a tua mãe. Isso, em vez de simplesmente agradar-me, perturba-me. Eu não durmo da mesma maneira. Dormirá a tua mãe do mesmo modo, sabendo que já não me incomoda? A tua mãe sentir-se-á mal no túmulo. Sentirá na pele o castigo eterno do silêncio. E voltará ao mundo dos vivos. Sim, é possível que volte. Ela não conhece o silêncio, ela não suportará o silêncio. E tu? E tu e o silêncio, como se dão?

Tudo aqui está ainda demasiado silencioso. Só porque partiste.

Aqui as coisas não constam dos mesmos modos, dos mesmos lugares. Não há o rressonar macarrónico da tua mãe, ou alguém que apanhe a ventoinha do chão. Porque eu não vou apanhá-la. Eu não vou apanhá-la.

E tu e o silêncio?

lábios em lava

[...] uma freira é uma mulher mas uma mulher que não é vista diariamente. Os homens não a esgotam no trato diário, e por isso desejam-na com mais ardor; está escondida, velada, vedada num convento, numa prisão, numa construção infinita em que cada porta esconde outra.

CARLOS FUENTES, *Constancia e outras novelas para virgens*

Deus, tu perdoar-me-ias.

Saberias compreender o estrondoso frenesi dos meus dedos, a vulcânica e contida necessidade dos meus lábios, o calor e, oh meu deus, o odor. A pluralidade do odor, a resistência da penugem, o suor, o suor, a mão indelicada, incontida, desarrumada, amarga. A mão amarga movendo-se no antro, no pântano do meu ser. Testemunha — a noite: palco de avessos, de pernas e proscênios abertos, o espetáculo vivo, do viveiro de intensos fantasmas. Atiro-me do alto da minha fé, desfazendo o corpo em pó: pó solto, pó vivo, pó longínquo a ti, Senhor. Porque com gigantesco prazer eu peço! E peço pensando ressuscitar. Porque eu, Senhor, morro num prazer de mãos, a língua procurando o que não pode tocar, a saliva escorrendo por gémeos orifícios; e gemo, no pecado da manual fricção, gemo, grito inaudivelmente não para te contrariar, gemo, mas para te compreender; incorporar. Cada poro meu é um ponto de interlocução aberto — entupido de suor e magia, luxúria e saliva. As mãos, as mãos imparáveis percorrendo-me a pele, os antros, contrariando penugens, penetrando-me selvagens como se não fosse eu dona de mim, ou delas. As mãos deixando por elas escorrer babas que eu desconheci de início, alimentei depois e, mais tarde, busquei em ritmo e repetição sabida. As

babas, as transparentes lamas, escorrendo abusivamente da alma, deixando-me à mercê de mim e da noite, escorrendo, contagiando virgens orifícios, facilitando-me percursos apertados, proibidos, Senhor. Porque eu tenho procurado estar, tenho estado, nos percursos proibidos e apertados; assim peço, Senhor: com música escorregadia na alma, com salivas opacas, abundantes, demoníacas, percorrendo-me as entranhas, entranhando-me odores, acalentando-me a boca, a nuca, as axilas, as virilhas, os pés, os olhos e as penugens, as penugens, Senhor, nos braços arrumadas, nas coxas discretas, nas axilas escondidas, nas pernas ignoradas, nos lóbulos sentidas, nas virilhas..., nas virilhas, Senhor, as penugens provocantes..., inicialmente protetoras, logo depois úmidas, de seguida penugens cambaleantes e, cheiros mil, totalmente ébrias, maleáveis, prostituídas a mim, às mãos, aos dedos delicados de dia, fálicos de noite, incisivos de madrugada. Meio da noite. Meio da minha prazerosa perdição; premonição; e, de certo modo, juro-te, Senhor, salvação. De repente, o essencial faz mais sentido, corporalmente: a tua luz parece-me a mesma, mas mais nítida; o meu corpo repousa, mas flutuando; as nuvens existem no céu, mas mais perto; o vento nada diz, mas posso ouvi-lo declamar. Os suores se extinguem num horizontal estremecimento de mim, das carnes, dos lábios em lava. Em vez de acordar, adormeço; o meu corpo acorda do transe, adormecendo. Os dedos retiram-se, a paz é outra. Os dedos perdem acutilância, fingimento, rapidez, marcial sabedoria. Ganham dimensão real: dedos somente. E tu, Senhor, não dizes nada. Repouso nua, coberta de dúvidas e penugens arrumadas. Sinto os braços calmos. Arrumo o cabelo que me apruma a alma. O mundo é uma vela ardente e solitária sem medo de se consumir. Tu não dizes nada. Talvez não tenhas mais para dar às minhas mãos embriagadas.

As mãos, as mãos, Senhor: adormecendo primeiro que eu.

madrugada

*[...] o perigo das ruas, o perigo nas noites. As baratas passando entre as pernas sujas, os ratos cantarolando sobre o frio, sob as névoas da madrugada. As recordações futuras seriam certamente preenchidas por este íntimo conjunto de cheiros e barulhos com os quais vivia. O papelão a antiquar-se; o papelão úmido envelhecendo; o papelão que por magia durava invernos a fio. E o frio. Lembrar-se-ia também dos seus poucos mas intensos odores. Custava-lhe morar na rua e ser mulher; as dores da menstruação, os cheiros, os dias, recolhida quando não tinha pensos higiénicos; novamente os ratos e as moscas, os ratos lambendo o sangue espesso, escuro; a fonte de água geladíssima onde se lavava a horas tardias, e o velho sorrindo na janela saboreando a cor rosa da água que escorria por entre os seus tornozelos; o sangue que estancava durante algumas horas e depois voltava, encarnado, intenso, lambido pelos mesmos ratos de sempre; rato macho, castanho, gordo; rato fêmea, tímido, ternurento. *Sentia as pernas mais geladas que o habitual e deixava o sangue escorrer; já não tinha mais paciência para me ir lavar.* E o velho, sorrindo, deitava para a rua o seu último cigarro. Dormia de luzes acesas. *Levantava-me, nem sempre, com algum sangue já coagulado na pele, apanhava o restinho de cigarro. Sabor a chocolate e o filtro molhado. O vento roubando-me o prazer de fumar, o fumo tirando algum frio, o frio passando com os dias, os dias opostos às noites, mais minhas, mais íntimas. Naquela noite não sabia que me havia de lembrar disso. Mas anos mais tarde lembrar-me-ia da noite em que não estando menstruada, não passei a noite nos caixotes de papelão. Percorri alguns pontos do quarteirão sem me**

afastar demasiado, algumas esquinas caridosas, mais algumas beatas no chão e nas janelas. À noite o mundo transmutava-se para algo que observava mas não sabia explicar. O outro lado das pessoas, era isso. Outras cores, outros cheiros, outras barreiras. Os ratos apareciam sem medo; os gatos, em vez de correr, espaírciam; as estrelas perdiam a timidez. Uma espécie de maravilha. A sequência dos acontecimentos é-me pouco clara, até porque me forcei a não reter nada. Mas as sensações são nítidas. Não era um sítio escuro. Não era um local propício ou tendencioso. Não era verão. Não foi um sonho. Senti-me encurralada não pela sua força, não pelos seus braços, não pela sua fraca brutalidade. Senti-me encurralada em mim, não me pude mexer, não pude reagir, agir. Aproximou-se de mim como se viesse pela conversa, atirou-me uma mão, um sorriso, uma bofetada. A outra mão entrou certa pelas coxas, tocou-me de imediato, tocou-me!, tocou-me como se me conhecesse o ponto da imobilidade. Olhou-me nos olhos, não me encostou à parede, não me beijou. Mordeu-me. Mordeu-me a orelha, que sangrou. Mordeu-me o lábio, que sangrou. Mordeu-me o pescoço com força, que sangrou. O seu dedo certo mexendo-se dentro de mim, devagar, mantendo-me a imobilidade. Não houve lágrimas. Tocava em mim como se quisesse manter uma relação erótica, estritamente erótica que por engano era também sexual, que por engano era também bruta, que por engano magoava pela invasão corporal, que por engano me humilhava, que por engano me remexia a profundidade das entranhas, que por engano me desintegrava a intimidade. Uma pausa. Como se esperasse que eu me tentasse evadir. Mas aquele universo, a força concentrada num dedo e numa vagina, aquele universo absorvera-me já. Quase não sentia os pés em contato com o chão, quase não sentia a pressão nos lábios menores, quase me

sentia suspensa pela incisão do seu dedo. Minusculamente irrequieto. Minusculamente presente, porque era pequeno. Mas tão poderoso naquele momento, tão decisivo no que poderia ter sido um recuo. Mas não. Não teria sido aquele o universo pretendido. Agora éramos vítimas de uma ambiência que eu desconhecia e ele não soubera evitar. Uma armadilha de sensações. Onde estava a minha revolta? Onde estava a minha lágrima? O que faria ele de seguida? O que é fato físico a partir de aqui não registei. O meu corpo sangrava, ao meu lado via o maço de cigarros desfeito no chão, ouvia ao longe gemidos, movimentações e respirações frenéticas que me soavam a milhas, mas tudo passando-se a milímetros de mim. O suor misturando-se; os sexos estranhando-se mas encontrando-se, sim, quem sabe, por engano. O erotismo revoltante na animalesca sexualidade; o mundo acontecendo em câmara lenta enquanto a própria dor se encarregava de atenuar a dor. Senti o cheiro do sangue. Senti os passos afastando-se. Vi-o lambe os dedos, passar os dedos em mim, lambê-los gulosamente. As imagens iriam certamente apagar-se depois que o vi apressado afastar-se de mim, se de fato se tivessem apagado. Então acordaria num outro sítio, cuidada por alguém, olhada, momentaneamente, pelo mundo. Mas não. Não. Esta é a recordação mais dolorosa. A mais séria contusão mental. A sensação de que aquilo era verdade, o sangue era encarnado e escorria, a noite e o frio não se iam esvaír, e eu tinha que me levantar e caminhar para longe daquilo. Ninguém limparia o sangue, eu não sabia como fazê-lo parar, as dores voltavam, ou pelo menos eu acordava para elas. Eu tinha que me levantar, se quisesse. Ou deixar-me ali, e esperar, esperar, para me levantar mais tarde. Porque ninguém apareceria, porque ninguém me iria perguntar o que foi, ou

quem foi, porque esta noite não seria diferente das outras naquilo que é a minha vida, porque isto não tinha sido diferente de ter febre, comer um gafanhoto, ou ter chovido. Porque, na verdade, era tudo a mesma coisa. As lágrimas aparecendo devagar. A decisão mental de não querer que aquilo constituísse uma experiência distinta das outras; distinta de levar porrada; distinta de *ter dores de estômago por não comer ou por comer laranjas podres*; distinta da *merda do frio que em vez de chatear somente a pele chegava aos ossos, aos órgãos até*; distinta de se achar feia; distinta de todos os dias estar farta de não encontrar uma solução, porque *às vezes a solução é não pensar na solução*; as lágrimas aparecendo devagar num esforço nítido de querer abafar a dor, querer não chorar exatamente ao mesmo tempo que a vagina lateja compulsivamente, o sangue escorre parco e lento mas não para, a angústia aparece e agudiza-se porque é angústia, e porque é angústia com destino previsto: terá de ser abafada, esquecida, arrumada num sítio interno. *Se ainda houver espaço.* As lágrimas compassando os passos, os dedos nus tocando o chão. A contusão interna materializando-se, começando a nascer. Porque aquela experiência não poderia ser distinta das outras. *Mas era. Era.* Como os dias de menstruação eram, como o odor da menstruação era, como a irritação de não ter a higiene pretendida, como a sensação de impotência nas lutas com os homens, como a ternura pelos animais descoberta desde cedo, como a sensação de tristeza quando via as crianças passando nos colos das mães. As mães. *A mãe.* Lembrar-se-ia do barulho do chuvisco batendo no plástico sobre os papelões. O recolhimento do seu corpo, o acolhimento do seu corpo. O sangue parando porque ninguém o estancaria. As dores diminuindo porque o corpo precisava de se ocupar de outras dores — o estômago, os ossos e

o frio. As lágrimas parando porque ela queria fechar os olhos e adormecer — como numa noite qualquer, *adormecer...*

coração com ferrugem

*Dá-me do sonho a loucura exata
Que liberta a alma taciturna.
A ti me entrego na hora adormecida
De flores e estrelas que não têm data.
Tempo, deixa-me em paz. Eu sou noturna.*

NATÁLIA CORREIA, *Sonetos românticos*

O mar em redor de mim — não tanto uma casa para habitar, mais para estar. O vazio da sala, o som metálico das teclas batendo, o magoar dos dedos que criam, e a música nua, ao longe, das ondas no mar.

Ainda vai demorar muito? É que tenho mais que fazer...

E, sem ouvi-la, tinha que a ouvir.

Não me incomodava a umidade, nem o frio. Quis fazer de conta que ela não estava ali, que o vazio e a casa eram ferramentas femininas. Minhas. Procurava concentrar-me no silêncio, e só depois deleitar-me com as vozes na rua, o cheiro a peixe e a carvão.

Nunca mais ninguém quis morar aqui. Nem mesmo alugar. E de noite..., é pra de noite também?, mas sem luz...

De noite existem candeeiros e velas — quis eu dizer.

O encanto de não conhecer o espaço e me sentir em casa; a debilidade do momento; a falta de tempo da senhoria desinteressada; as janelas que se não abriam, se não abririam; a paz da sala vazia e nós nela; a máquina de escrever pronta a reexistir; o papel que ainda não havia.

Foi esta porcaria que o meu marido me deixou. Ninguém quer esta porcaria.

A “porcaria” era um poema arquitetônico em êxtase constante; sem ruir, sem ruir; abanando levemente as estruturas em compasso com o vento, paredes com o mundo. Se há sonho em vida é isto — estar aqui absorvendo o abismo que me separa desta mulher no saborear deste espaço.

Não se faz nada aqui, é tudo úmido, chega aos ossos. E tudo ganha ferrugem, não vê?

E se eu disser a verdade, se eu disser o que vejo, poderá ela acompanhar-me? Poderá saber o que é sentar o olhar numa janela, o que é cheirar a ferrugem e ter que escrever como uma louca, a tarde inteira, sem sentir que as velas se consomem e desaparecem... Poderei dividir a minha verdade com esta mulher?

Bom, vamos lá embora, já se viu que não dá pra nada, isto!

Aqui, nos poros e nos olhos do coração, sinto o mar do outro lado da parede, sinto a calma das ondas, a aflição de uma gaivota aleijada que voa, voa, mas já não consegue voar.

Tudo ganha ferrugem aqui.

Não resisto: arrumo a máquina de escrever; olho, vez última, as janelas. Conto duas ou três fendas no teto, arrasto os pés para lhes sentir o eco e, antes da porta, antes das escadas, antes do olhar da senhora, não resisto:

Até os corações? Até os corações ganham ferrugem aqui na sua casa?

outros livros desta coleção

a guerra dos bastardos de Ana Paula Maia
os malaquias de Andréa del Fuego
o melhor do inferno de Christiane Tassis
sobre a neblina de Christiane Tassis
o evangelho segundo a serpente de Faíza Hayat
a luz do Índico de Francisco José Viegas
o poço de campaná de Fred Góes
a mulher que transou com o cavalo e outras histórias de
 João Ximenes Braga
as mulheres do meu pai de José Eduardo Agualusa
requiem para o navegador solitário de Luís Cardoso
cão de cabelo de Mauro Sta. Cecília
moça com chapéu de palha de Menalton Braff
perdido de volta de Miguel Gullander
jogo de damas de Myriam Campello
mandingas da mulata velha na cidade nova de Nei Lopes
ódio sustentado de Nelson de Oliveira
poeira: demônios e maldições de Nelson de Oliveira
rio dos bons sinais de Nelson Saúte
os da minha rua de Ondjaki
mais ao sul de Paloma Vidal
amor em segunda mão de Patrícia Reis
morder-te o coração de Patrícia Reis
predadores de Pepetela
esmalte vermelho de Rodrigo Bittencourt
dicionário de pequenas solidões de Ronaldo Cagiano

próximos lançamentos

búfalo de Botika

as três vidas de João Tordo

estação das chuvas de José Eduardo Agualusa

elvis & madona de Luiz Biajoni

desmedida de Ruy Duarte de Carvalho

visite nosso site:

www.linguageral.com.br

notas de rodapé

[¹] *Onde é que vai?*

[²] *Vou até Espanha... Até à América, de bicicleta!* [Versos do poeta cabo-verdiano Corsino Fortes.]

[³] *Miúdo.*

[⁴] *Dinheiro.*